

ESTUDAR O LENINISMO — DEVER DOS COMUNISTAS

VOZ OPERÁRIA

N. 250 ☆ RIO DE JANEIRO ☆ 27-2-1954

A BATALHA DO SALÁRIO-MÍNIMO

Unidade, Organização E Luta do Proletariado CONTRA AS Manobras de Getúlio E a Mentira Patronal

DEPOIS de dar lugar a grandes concentrações de trabalhadores como as de 28 de Janeiro no Rio, a de 14 de fevereiro em Petrópolis, e muitas outras em diversas capitais estaduais e em outras cidades do país, o movimento nacional pela conquista do aumento de 100% nos salários-mínimos continua mobilizando sempre maiores massas de trabalhadores.

Porque se desenvolve sob a bandeira da extensão e profundidade. Os sindicatos que cação vital procuram reforçar-se agora com 6 dias, o Sindicato dos Metalúrgicos de S. Paulo promoveu três reuniões de empresa, abrangendo socios e não socios do Sindicato, para debater o salário-mínimo e o congelamento dos preços. Assim, foram convocados para o dia 18, todos os operários das «Indústrias Brasileiras de Eletro-Metalurgia», para o dia 24 os trabalhadores da «Fundição Esmaltado Silex». Tudo isso dentro do quadro da preparação da manifestação de 17 de março próximo, quando, segundo se anuncia, verdadeira «onda humana» marchará de novo pelas ruas da capital paulista.

Os fatos mostram que os trabalhadores aprendem com sua experiência que a vitória depende da coesão de suas fileiras e avançam com firmeza para a conquista do aumento de 100% nos salários mínimos por cima das manobras divisionistas dos agentes do Ministério do Trabalho e sem temer as tentativas de intimidação oriundas de um grupelho de generais fascistas.

A necessidade de reforçar a unidade de

unidade de ação, o movimento cresce, ganha estão empenhados na luta por esta reivindicação do apolo das empresas. Num espaço de apenas o movimento nacional pela conquista do aumento de 100% nos salários-mínimos continua mobilizando sempre maiores massas de trabalhadores.

ação se revela urgente. Ao mesmo tempo que faz demagogia procurando iludir os trabalhadores de Volta Redonda e amainar as lutas operárias com a bandeira desmoralizada da «paz social», Vargas cinicamente declara que «não haverá precipitações», protelando indefinidamente a sanção do novo salário-mínimo e ameaça com novas violências os trabalhadores que se batem contra a fome em seus lares.

O aumento de salário provoca a carestia?

Essas protelações, negações, manobras e ameaças de Getúlio servem ao grande patronato que vai tratando de aumentar os preços, anulando assim previamente o novo salário-mínimo. Simultaneamente, as organizações patronais em todo o país, apoiadas nos jornais a seu serviço, procuram arrefecer a luta dos trabalhadores e tornar antipática a reivindicação em causa junto a outras camadas da população por meio de uma insidiosa propaganda de mentiras.

Está neste caso a afirmação de que o aumento do salário-mínimo acentuará a carestia. Na realidade, porém, o fato de a cada aumento de salário os patrões responderem com novos aumentos de preços não constitui argumento contra a pretensão dos trabalhadores, e sim contra a ganância sem limites dos patrões reacionários. Atualmente, a folha de salários representa cerca de 10 por cento das despesas totais dos es-

tabecimentos industriais. Sendo assim, que aumentassem de 100% não apenas o salário-mínimo, mas todos os salários, as despesas com a remuneração dos trabalhadores iriam representar pouco mais de 18% das despesas patronais. Como se vê, a elevação dos salários mínimos é perfeitamente possível com uma pequena redução nos lucros que muitas vezes vão a 5.000 e mais por cento sobre o capital empregado.

E' falso o cálculo do salário-mínimo

Esse é outro «argumento» dos patrões. A própria tabela proposta pelos representantes sindicais para o salário-mínimo no Distrito Federal refuta tal ponto de vista. Eis a tabela:

	Cr\$
Alimentação	1.040,00
Habitação	575,00
Vestuário	370,00

Higiene	225,00
Transporte	190,00
TOTAL	2.400,00

Que há de exagerado nessa tabela? Não é sabido que ela mal atende às necessidades individuais, e deixa de considerar as necessidades da família do trabalhador como estipula a Constituição? Não é verdade que ela chega a excluir qualquer despesa para diversão e cultura? Não é evidente que a esmagadora maioria dos trabalhadores cariocas gasta mais de 190,00 cruzeiros por mês de transporte?

Sob o regime dos latifundiários e grandes capitalistas os trabalhadores brasileiros são considerados como matéria-prima humana, útil exclusivamente para ser explorada e que devem por isso viver em barracos, passar fome e, segundo os cobleiros da indústria, viver de caboca baixa e sem um murmurio de protesto.

Falirão as pequenas empresas?

Igualmente falso é o «argumento» sova-do, escolhido a dedo pelos grandes capitalistas e seus «teóricos» a fim de espantar os pequenos e médios industriais e comerciantes, de que o novo salário-mínimo levará à falência as pequenas empresas. A verdade é inteiramente outra. Ninguém ignora que um dos obstáculos que impedem o desenvolvimento da produção nacional é justamente a falta de bastante dinheiro nas mãos do povo, a existência de um amplo mercado interno que sirva de estímulo à criação e desenvolvimento das empresas. O aumento do salário-mínimo significa, de fato, aumento da pro-

cura de mercadorias e tal aumento é um poderoso incentivo à produção de mercadorias, sendo, portanto, favorável aos pequenos e médios industriais.

As dificuldades que os pequenos industriais e comerciantes enfrentam não decorrem nem podem decorrer dos aumentos de salários que aliás têm sido insignificantes em face da alta dos preços. Suas dificuldades provêm, isto sim, da dominação do país e sua manutenção no atraso pelo imperialismo americano associado ao latifúndio e à grande burguesia vendida aos ianques. Não romper com essa política, eis o que impede o florescimento da economia nacional.

Unidade, penhor da vitória

A Campanha dos tubarões contra o novo salário-mínimo, bem como as protelações de Vargas, mostram aos trabalhadores que a vitória há de ser conquistada na luta. Trata-se para isso, de zelar e defender com energia a unidade de ação que vem sendo forjada, ampliando-a constantemente.

Realizando reuniões sindicais por empresa, esclarecendo os trabalhadores nos próprios locais de trabalho através de comícios e palestras, mobilizando-os para exigir com energia a imediata fixação do novo salário-mínimo, o movimento sindical brasileiro se reforçará e conquistará a vitória desfazendo os arrogantes fascistas e ampliando as liberdades sindicais que vão sendo afirmadas.

Um artigo de
LUZ CARLOS PRESTES
Texto na 3.ª Página



Vigorosa manifestação pelo salário-mínimo realizada pelos trabalhadores em Petrópolis

MOBILIZAR E UNIR AS GRANDES MASSAS

UMA das características mais evidentes da situação atual em nosso país é o impetuoso desenvolvimento das forças democráticas. Setores cada vez mais vastos da população despertam para a luta pelas suas reivindicações vitais, lançando-se ao mesmo tempo na defesa da soberania nacional, da paz e das liberdades democráticas.

Os trabalhos que se realizam, em todo o país de preparação da próxima Convenção pela Emancipação Nacional revelam, de modo incontestável, como se amplia e adquire crescente envergadura a luta do povo brasileiro contra a dominação de nossa terra pelos colonizadores norte-americanos. Esse combate ao imperialismo lan- que é hoje a grande bandeira sob a qual formam-se milhões de brasileiros, patriotas de todas as classes sociais, opiniões políticas e crenças religiosas. É uma luta que se verifica nos mais diversos setores da vida nacional e que se torna dia a dia mais poderosa.

Magnífica demonstração dessa repulsa patriótica aos colonizadores americanos acaba também de dar a intelectualidade brasileira com a realização do Congresso de Goiânia, memorável conclave que fez da defesa da cultura nacional e do repúdio ao cosmopolitismo lanque o centro de seus debates e resoluções.

Simultaneamente, crescem as lutas da classe operária e avança num ritmo sem precedentes a unificação dos trabalhadores. Ao lado das recentes greves que empolgam ainda todo o país, o que melhor comprova o ascenso do movimento operário é a campanha pela conquista do novo salário-mínimo — reivindicação que congrega e conduz à luta os trabalhadores de todos os ramos de atividades, contribuindo enormemente para ampliar a unidade de ação e fortalecer as organizações da classe operária.

Impulsionadas pelo proletariado, movimentam-se todas as dentais camadas da população, revelando um descontentamento e uma indignação cada vez maiores em face de intolerável situação que aí está. A luta contra a carestia de vida se estende às fábricas e aos bairros, sendo um poderoso fator de revigoramento de numerosas organizações femininas e populares em geral.

Por outro lado, os comerciantes e industriais prejudicados pela dominação lanque protestam contra a política de Vargas, de proteção aos monopólios norte-americanos e estrangulamento do comércio e da indústria nacionais — de que é exemplo o movimento dos comerciantes de Niterói — e exigem o restabelecimento de relações entre o Brasil e a URSS e as democracias populares.

Enfim, o que se constata é que as massas se movimentam, lutam e se organizam, e que avançam impetuosamente as forças democráticas no país.

A medida que se desenvolvem as lutas de massas, crescem a força e o prestígio do Partido Comunista do Brasil. Aprendendo com as suas experiências, as grandes massas de nosso povo se convencem, cada dia mais, que é o P.C.B. o único partido capaz de resolver o interesse do próprio povo a situação de calamidade em que hoje se acha o Brasil. Como disse Prestes em sua última entrevista, «o Partido Comunista, pela sua força e crescente prestígio em todo o país, já exerce poderosa influência e será cada vez mais uma força decisiva nos destinos do Brasil». Essa força e esse prestígio do Partido se comprovam sobretudo através da imensa repercussão alcançada pelo seu Programa no seio das amplas massas, bem como pela entrevista de Prestes definindo a posição dos comunistas em face das próximas eleições. É para o Partido Comunista que se voltam as esperanças de nosso povo.

Tal situação resulta inevitavelmente no isolamento dia a dia mais evidente do governo de Vargas, que é o instrumento para a dominação do Brasil pelos imperialistas americanos e seus lacaios, os latifundiários e grandes capitalistas. Sentindo o terreno fugir de seus pés, os inimigos do povo caem no desespero e, por todos os meios, procuram implantar no país uma ditadura terrorista. Esta é a maneira que encontram para tentar entrar as lutas e a organização das massas, para afogar em sangue a defesa da soberania nacional, da paz e das liberdades democráticas, para impedir as próximas eleições. Os monopólios lanques e seus serviçais conspiram com o objetivo de fascitizar a nação, como passo indispensável para reduzir o Brasil à condição de colônia dos Estados Unidos. Essa trama sinistra, em que Vargas comprova a sua vocação de velho tirano, é dirigida pela embaixada americana e encontra um ponto de apoio na camarilha militar fascista, que tem em suas mãos o comando das forças armadas.

Mas o nosso povo pode perfeitamente derrotar os seus inimigos, frustrar os seus planos criminosos. Como afirmou Prestes, «são imensas as forças patrióticas e democráticas de nosso povo». O que é preciso é não se deixar intimidar, mas responder aos conspiradores fascistas assumindo a ofensiva e, mais do que nunca, unindo as imensas forças democráticas num bloco poderoso, contra o qual se despedaçarão todas as infames tentativas dos colonizadores lanques e seus serviçais. Mobilizar, conduzir à luta e unir os operários, camponeses, intelectuais, as vastas massas populares, jovens, mulheres, comerciantes e industriais, todo o povo enfim, esta é a tarefa de honra que cabe aos patriotas e democratas, em primeiro lugar aos comunistas. Trata-se de unir a todos os brasileiros para defender a soberania nacional, as liberdades democráticas e o direito a uma vida feliz.

Este é o caminho a seguir — o caminho da luta e da unidade, o caminho da vitória.

Programa do P.C.B. O Povo Debate o Programa do

O PROGRAMA VEM AO ENCONTRO DOS INTERESSES DOS CAMPONESES



O PROJETO de Programa do P.C.B. é de fato a única saída para livrar o Brasil da ruína e da bancarrota. Reflete a pura realidade, não há subterfúgio nem tapeação.

Todo brasileiro honesto e digno, qualquer que seja sua crença filosófica ou religiosa para poder livrar o Brasil da ruína e do vergonha. Alguns que julgam não poder apoiar, por ter sido apresentado pelo Partido de Prestes, estão completamente errados. Primeiro, porque nenhum outro partido soube apresentar uma saída para a situação angustiante do povo e dos trabalhadores. Segundo, porque nada podemos esperar de um governo submetido aos caprichos dos

maiores norte-americanos que querem escravizar os brasileiros, transformar nossa pátria em sua colônia. Sómente o Partido Comunista pode lutar e defender os interesses do povo e por isso o seu Programa é o Programa de todo o povo.

Prestes e seu Partido há muito tempo vem alertando o povo mostrando que nada se pode esperar desses governos — Dutra, Getúlio... A verdade aí está. Os trabalhadores de norte a sul do Brasil vivem na mais negra miséria após anos de promessas.

O Programa vem ao encontro dos interesses dos camponeses que sofrem a fome e a opressão roubados nas colônias, sujeitos a contratos usuciantes, com seus filhos morrendo à fome.

Grande é a extensão do Brasil cujo clima favorece a qualquer cultura, mas no entanto existindo tudo isso que a natureza nos doou, os trabalhadores se encontram em estado de miséria nas cidades e no campo.

A mortalidade infantil no campo é uma coisa alarmante; a tuberculose, o analfabetismo. Poucas escolas existem e os professores são filhos de fazendeiros que pouco interesse tem em ensinar os filhos dos colonos. Os médicos quando chegam à casa dos camponês é somente para passar o atestado de óbito.

Como se alimenta a família

dos camponês? Quando o chefe de família traz um pão de um vizinho e reparte entre 4 ou 5 filhos nota-se que as crianças adoram o seu pedacinho como se fosse uma prenda fina. Parece que recebem algo de sobrenatural e desconhecido. Os camponeses não têm a mínima garantia da sua morada. Não há contratos. Quando um colono perde uma morada na fazenda, o fazendeiro recebe o colono como se este fosse um grande amigo. Promete-lhe tudo: «Anquia do lugar, do caso, do e carroça para levar a madeira. O lugar é rico e dispndioso e difícil de fazer plantação — parano, onde as vacas do fazendeiro não podem pastar, um cascal de cipo, arranha pelo esborão de gal, etc. Pois bem, o fazendeiro, em muitas dispensa o camponês de dar verca para a fazenda no primeiro ano, dá-lhe um empréstimo infimo, para ser pago na colheita do primeiro ano e o restante no ano seguinte. Mas a casa que o fazendeiro permite construir é uma tapete de madeira muito amarrada de cipo — coberta de sapé cuja durabilidade não é superior a 3 ou 5 anos. Este suficiente para arrumar a terra em franca pastagem.

Nesta ocasião já toda a família trabalha e toda a renda vai para o fazendeiro. A casa se estraga e o colono precisa ir trabalhar para pagar a dívida e para corrigir a terra para construir outra.

Este lhe nega, vendo que as paisagens viscosas. He lá? rressa a O colono da que faz benéficas plantou das neiras, deve ser indenizado. Mas o fazendeiro diz que não há indenização para plantar bens de raiz e somente cultura branca — milho, arroz e feijão. O camponês tem um inimigo pela frente e com a família abandonada o terreno. E ainda dá-se por feliz se não se espantado por ver um latifundiário.

Aí está como vivem os colonos meiores brasileiros, muitos retirantes assalariados e as suas famílias e os seus filhos no campo. Por isso quando Prestes e o seu Partido exigem ou seja feita a reforma agrária e a terra gratuitamente dada aos camponeses, devemos apoiá-los. Quando o PCB apresenta um Programa para a salvação nacional, por um governo democrático de libertação nacional, precisamos apoiar essa medida para o bem-estar do povo brasileiro, pela libertação de nossa pátria do jugo do imperialismo americano, por um Brasil livre e forte com fartura para todo o povo.

Para levar a prática o Programa, é necessário estreitar a aliança dos operários com os camponeses e formar a frente única de todo o povo.

Perguntas e Respostas

A ELEIÇÃO DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA NO REGIME DEMOCRÁTICO POPULAR

EM sua edição de 16 de janeiro passado, a VOZ OPERÁRIA publicou uma carta, com a assinatura de Rodolfo Ferreira, em que são feitas algumas observações em torno do Programa do P.C.B. O centro dessas observações se prende ao item do Programa que estabelece a eleição direta do presidente da República no futuro regime político democrático popular. Acha o leitor que é «uma incongruência falar em votação direta para a presidência», quando o pleno exercício do poder caberá ao Congresso, como dispõe o Programa do P.C.B. «O presidente deve ser eleito indiretamente», afirma o leitor Rodolfo Ferreira.

Mas não tem razão o leitor em sua observação crítica. A eleição direta do presidente da República não restringirá nem abalará de modo nenhuma a autoridade do Congresso Nacional, que exercerá em toda plenitude o poder supremo no Estado Democrático Popular.

O Congresso Nacional será o órgão máximo no regime político democrático popular. Será soberano em suas decisões. O presidente da República subordinado ao Congresso, uma vez que governará através de um Conselho de Ministros, responsável unicamente perante o Congresso Nacional, e não perante o presidente da República.

O leitor, em sua argumentação, parte de uma premissa falsa quando admite que «o Programa consagrou, na prática, a divisão de poderes, quase que do modo por que a conhecemos». Da leitura e do estudo do Programa não se pode, entretanto, chegar a essa conclusão. O Programa do P.C.B. diz claramente: «O Congresso Nacional, constituído pelos representantes eleitos pelo povo, exerce o poder supremo do Estado». Onde a divisão de poderes «quase do modo por que a conhecemos»?

No regime democrático popular não existirá a chamada independência e harmonia entre os poderes, fórmula teoricamente inscrita da Constituição reacionária de 1946, mas servindo apenas para encobrir o poder ditatorial do presidente da República. No atual regime, na prática, há uma completa subordinação dos poderes legislativo e judiciário à vontade do presidente da República, que é um verdadeiro ditador. No regime democrático popular, onde o poder supremo será exercido pelo Congresso Nacional, tanto o presidente da República como a justiça estarão subordinados ao Congresso Nacional.

De acordo com a organização do futuro regime político que o Programa define, o modo de eleger o presidente da República, pelo voto direto ou indireto, não terá nenhuma influência sobre os poderes de que estará investido o Congresso Nacional, nem sobre os poderes atribuídos ao presidente da República. Esses poderes estão, na essência, claramente estabelecidos, no Programa e suas funções serão definidas em todos os aspectos na Constituição a ser elaborada.

O leitor procura justificar a sua afirmação com uma citação extraída de «O 18 Brumário de Luiz Bonaparte», de Marx, em que o criador do socialismo científico condena a eleição direta do presidente da República. Diz o leitor que não se trata de aplicar mecanicamente os ensinamentos de Marx. Mas outra coisa não faz senão aplicar de modo dogmático ao Brasil dos nossos dias a argumentação de Marx, feita em função de um país como a França e tendo em vista uma época histórica determinada.

Ensinam os clássicos do marxismo que a doutrina do proletariado não é um dogma, mas um guia para a ação. Esse princípio deve nortear a aplicação do marxismo-leninismo à realidade brasileira. Marx criticava a eleição direta do presidente da República estabelecida na Constituição francesa de 1848. Referindo-se a essa Constituição, dizia Marx: «A nova Constituição não era, no fundo, senão uma edição republicana da Carta Constitucional de 1830.» E mais adiante afirmava: «Não só, como a Carta Constitucional de 1830, consagra a divisão de poderes, como ainda amplia até uma contradição insustentável.» E prossegue: «Por outro lado, o presidente com todos os atributos do Poder Régio, com facultades para nomear e destituir livremente seus ministros, independentemente da Assembléia Nacional, com todos os meios do Poder Executivo em suas mãos, sendo ele quem distribui todos os postos, e ele, portanto, que decide, na França, da sorte, de mais de milhão e meio de existências, dependentes dos 500.000 funcionários e de oficiais de todas as patentes.»

Será que há alguma semelhança entre o que fixava a Constituição da França de 1848 e o que estabelece o Programa do P.C.B. sobre as funções do Congresso Nacional e do presidente da República? É evidente que não. Os fatos mostraram que a crítica de Marx à Constituição de 1848 era inteiramente justa, tendo-se em vista a época em que ela foi feita. Mas querer à força aplicar aqueles ensinamentos à realidade brasileira — em condições, portanto, completamente diversas — é incorrer em sério erro.

A eleição direta do presidente da República, corresponde às peculiaridades do Brasil. Em nosso país as massas se interessam profundamente pela eleição do presidente da República, e o Programa não podia deixar de refletir essa realidade.

Não se justifica a hipótese aventada pelo leitor de que com o voto direto se tornará difícil depor o presidente da República, caso ele traia o mandato. Eleito pelo voto direto, do mesmo modo que se fosse eleito pelo voto indireto, o presidente da República, se trair o mandato, será deposto pelo Congresso Nacional.

O leitor Rodolfo Ferreira deve voltar a estudar o assunto. Dê-se modo compreenderá que é de todo justo o item do Programa do P.C.B. a que se referiu em sua carta.

ESTUDAR O LENINISMO — DEVER DOS COMUNISTAS

AS IDEIAS DE LENIN, transformadas em realidade de pela primeira vez no grande País dos Soviéticos, constituem hoje, a poderosa força que levanta e organiza a milhões de homens para a luta pelo comunismo, em que os seres humanos ficarão para sempre livres da exploração do homem pelo homem.

Das margens do Elba às praias do mar da China, nos países do campo democrático, as grandes e generosas idéias de Vladimir Ilitch Lênin já estão vitoriosas. São oitocentos milhões de seres humanos que já se libertaram da brutalidade da opressão imperialista: enquanto uns estabelecem as bases para passar à construção do socialismo, outros estão em plena construção da sociedade socialista e a União Soviética marcha vitoriosamente para o comunismo.

As idéias de Lênin vivem no coração e na mente de milhões de operários, em número sempre crescente, tanto nos países capitalistas mais avançados, como entre as massas de trabalhadores mais explorados dos países coloniais e dependentes.

O leninismo é a doutrina internacional do proletariado de todos os países, válida e obrigatória para todos os países, a única capaz de iluminar o caminho de todos os povos que querem libertar-se da opressão crescente dos imperialistas e alcançar um mundo livre, mundo de paz, pão e liberdade.

Um programa leninista

Nosso Partido acaba de publicar o seu Programa, que é um programa leninista, «uma formulação exata de um processo real», como exigia Lênin, e reverência, assim, de maneira excepcionalmente significativa seu gênio imortal. Nosso Partido nasceu sob a influência da grande Revolução Socialista de Outubro e das idéias vitoriosas do leninismo. Em toda a sua vida sempre aceitou formalmente, sem qualquer vacilação, a ciência revolucionária leninista. No entanto, vai uma grande distância entre aceitar, ou mesmo conhecer teoricamente, o marxismo-leninismo e ser efetivamente capaz de aplicar a teoria à realidade concreta, às condições econômicas e políticas de nosso próprio país. Isto só se aprende com a experiência prática, com a análise crítica de nossos próprios erros. Nos 32 anos de vida de nosso Partido está sempre no desconhecimento do leninismo ou em nossa incapacidade de aplicá-lo à situação concreta de cada momento a causa fundamental de cada um de nossos insucessos, de cada um de nossos erros. Esta experiência foi, sem dúvida, fator de primordial importância para que o Comitê Central do Partido pudesse elaborar o novo documento que é o Programa do Partido, ora entregue ao conhecimento e à discussão de todo o país.

No Programa do Partido é analisada, à luz do marxismo-leninismo, a realidade brasileira e apresentada a solução científica dos problemas brasileiros. Justamente por isso é o Programa de nosso Partido um documento de excepcional importância para a educação teórica de todos os comunistas. É um documento científico que por referir-se à realidade que estamos vivendo e aos problemas que estamos enfrentando facilitará em grande parte o estudo da própria ciência marxista-leninista. Mas, de outro lado, a justa compreensão das teses do Programa e a exata assimilação das soluções nele apresentadas aos problemas brasileiros exige o conhecimento do marxismo-leninismo, ou pelo menos de seus princípios elementares.

Cada membro do Partido poderá agora, melhor do que antes da elaboração do Programa, compreender a necessidade do estudo do marxismo-leninismo e, antes de tudo, das idéias de Lênin que foi quem aplicou o marxismo na época do imperialismo e o enriqueceu com a generalização genial da experiência do movimento operário na época das revoluções proletárias. Conhecer o leninismo é indispensável aos que queiram bem assimilar as teses e idéias do Programa do Partido, a fim de poder levá-lo às massas e conseguir que estas o transformem na realidade prática que todos almejamos.

Uma tarefa primordial dos membros do Partido

O Programa do Partido veio, assim, nos lembrar de maneira prática e viva a grande lição de Lênin de que sem teoria revolucionária não pode haver movi-

Luiz Carlos Prestes

mento revolucionário. «O Partido bolchevique — ensina o camarada Stálin — não teria podido triunfar em outubro de 1917, se seus quadros de vanguarda não possuísem a teoria do marxismo, se não tivessem sabido ver nesta teoria um guia para a ação, se não tivessem sabido impulsionar a teoria marxista, enriquecendo-a com a nova experiência da luta de classe do proletariado. Além disto, devemos ter em mente, no caso específico de nosso Partido, que algumas circunstâncias bem definidas tornam neste momento o estudo da teoria do proletariado tarefa primordial e de importância excepcional para todos os membros do Partido.

Nosso Partido, apesar de seus 32 anos de vida, ainda não travou em suas fileiras uma luta ideológica decisiva contra as ideologias estranhas ao proletariado, muito especialmente contra as ilusões pequeno-burguesas. A formação ideológica de nosso Partido só será possível através da luta intransigente em suas fileiras contra as tendências de direita e de «esquerda», todas de fundo pequeno-burguesas, como o reformismo e o economismo, o sectarismo, a pressa pequeno-burguesa, e o «golpismo» aventureiro de radicalismo pequeno-burguês. Só evitaremos que os erros perdurem e causem, assim, os mais desastrosos efeitos, se, armados com a teoria do leninismo, formos capazes de combatê-los, desde seu aparecimento de descobri-los e revelá-los, por mais encobertos que estejam ou que à primeira vista possam ser considerados secundários ou «sem importância». Esta vigilância ideológica é um dever de cada militante, mas só poderá ser cumprido por aqueles que tenham feito esforços por assimilar a teoria e saibam defender seus princípios.

Defender o Partido dos desvios nacional-reformistas

Precisamos não esquecer que o movimento comunista, como ensinava Lênin, e, por sua própria natureza, internacional, exige nas fileiras do Partido o combate intransigente ao nacionalismo burgues e ao nacional-reformismo. O próprio caráter de libertação nacional da luta que hoje sustentamos contra o jugo imperialista facilita a penetração em nossas fileiras do chovinismo nacionalista e de tendências nacional-reformistas, que são amplamente utilizadas pelos imperialistas para impor aos povos uma opressão crescente, visando extrair lucros máximos. É com o estudo aprofundado da teoria do leninismo que seremos capazes de nos colocar na justa posição internacional, desde a grande Revolução Socialista de Outubro dos que sabem que a luta pela emancipação nacional, é parte integrante da revolução proletária e, nos dias de hoje, parte integrante da luta pelo reforçamento e ampliação do campo da democracia e do socialismo. Só assim estaremos em condições de defender nosso Partido de quaisquer desvios nacional-reformistas.

É certo, também, que só poderemos avançar com sucesso se formos capazes de utilizar com justeza a rica experiência do movimento comunista em outros países, especialmente a riquíssima experiência do Partido Comunista da União Soviética e a dos comunistas chineses que aplicaram com sucesso os ensinamentos de Lênin e Stálin nas condições de um país semicolonial e semifeudal. A utilização, porém, da experiência do movimento comunista nos demais países, exige muito mais que o simples conhecimento dessa experiência, exige a capacidade de assumir uma atitude crítica diante dela, portanto, o conhecimento da própria teoria. Sem isto, como evitar a cópia servil e a queda no mais vulgar empirismo? Só à luz da teoria seremos capazes de extrair da prática os ensinamentos aplicáveis à realidade concreta de nosso próprio país.

Finalmente, precisamos ter em conta o que há de específico em nosso próprio país e que estamos, na prática da luta política, abrindo o caminho brasileiro para chegarmos à nova democracia, que nos permitirá avançar no sentido do socialismo. Este caminho brasileiro será elaborado por nós mesmos na prática diuturna da luta política, através da realização de

tarefas que só poderão ser executadas com sucesso se formos capazes de dominar a teoria do marxismo-leninismo, de aplicá-la com acerto à realidade brasileira e de generalizar nossa própria experiência. Como ensina Lênin: «Só um Partido dirigido por uma teoria de vanguarda pode cumprir sua missão de vanguarda». Evidentemente, só conhecendo a teoria poderemos impulsioná-la, enriquecendo-a com a experiência da luta de classe do proletariado em nosso país, com o caminho brasileiro da revolução.

Elevar rapidamente o nível teórico de nossos militantes

Precisamos, pois, dar a maior atenção à luta pela rápida elevação do nível teórico de nossos militantes, particularmente dos quadros dirigentes do Partido em todos os seus escalões. Registramos, sem dúvida, algum progresso nesse terreno, mas o ritmo desse progresso precisa ser acelerado e novas medidas devem ser tomadas com o objetivo de intensificar em todo o Partido, de cima a baixo, o estudo da teoria e a própria compreensão da necessidade e importância desse estudo. É excessivamente lento ainda em nossas fileiras o ritmo da formação de quadros em condições de aplicar conscientemente e em quaisquer circunstâncias a linha do Partido. Apesar da sede de conhecimento que se manifesta hoje em todo o Partido, predomina ainda em nossas fileiras uma atitude praticista, mesmo entre os quadros dirigentes de maior responsabilidade. Por isso, as resoluções do Comitê Central são, em geral, aplicadas de maneira mecânica, sem um estudo atento das condições locais ou regionais, sem a preocupação de ajudar o Comitê Central a corrigir suas próprias diretrizes, melhorar e enriquecer a linha do Partido.

Sabemos todos, e o repetimos constantemente, que o socialismo com Marx e Engels tornou-se ciência, mas esquecemos muito frequentemente a recomendação de Engels de que «o socialismo, desde que se tornou ciência, exige que se lhe trate como tal, quer dizer, que se o estude. Mas, estudar para nós, comunistas, significa travar uma luta dura e individual contra a tendência natural a não aprofundar o estudo, contra uma mentalidade muito generalizada de superficialidade, de pressa, «dilettante» e vulgar. Além disto, estudar não é ler apenas, mas enriquecer os próprios conhecimentos. Lênin dizia: «Em geral rende pouco benefício. É necessário estudar de um modo regular e sistemático».

Organizar e dirigir esse estudo regular e sistemático, coletivo e individual, é tarefa precípua de todos os organismos dirigentes do Partido. O sucesso, porém, desse estudo depende principalmente do esforço individual de cada militante, da luta individual no sentido de fazer do estudo regular e sistemático um hábito, da preocupação constante pela elevação do próprio nível teórico, que é um dever de cada membro do Partido. Nesse sentido, tem primordial importância o estudo pela assimilação dos clássicos do marxismo-leninismo, o estudo das obras de Marx, Engels, Lênin e Stálin, assim como o da riquíssima experiência do Partido Comunista da União Soviética, através de seus documentos oficiais, mas, antes de tudo, da leitura e estudo do *Compêndio de História do Partido Bolchevique*.

O estudo regular e sistemático do marxismo-leninismo deve sempre estar intimamente ligado à luta pela assimilação das teses e idéias do Programa do Partido, à luta pela liquidação em nossas fileiras das tendências subjetivistas, ao estudo da realidade brasileira e das leis de seu desenvolvimento, assim como ao estudo da história de nosso povo.

Que as comemorações do XXX aniversário da morte do grande Lênin sirvam de ponto de partida para um mais rápido desenvolvimento da luta pela elevação do nível teórico e ideológico em todo o Partido.



A «ajuda» norte-americana em ação

Desenho de EFIMOV

A Ópera é Nova, Mas a Partitura é Velha

OS generais e diplomatas ianques preparam intensamente a Conferência de Caracas, a fim de retirar dela os proveitos máximos que lhes facilitam ainda mais a extorsão de todos os povos.

Bedel Smith, subsecretário de Estado, preparando a chegada do seu chefe Foster Dulles, que dentro de poucos dias chegará a Caracas, forneceu à imprensa declarações que se enquadram, como é lógico, perfeitamente nas anteriores medidas de pressão realizadas por diferentes personalidades dos Estados Unidos.

Como se sabe há para todos os países latino-americanos perspectivas brilhantes de um rápido desenvolvimento que é entravado, fundamentalmente, pela dominação americana. Todavia, a minoria vendida que empolgou o poder em quase todos os Estados do Continente não se incomoda absolutamente em vender suas pátrias desde que receba algumas espórtas do amo americano. Por outras palavras, quando discutem, visam apenas a conseguir mais alguns dólares. Rá, por exemplo, repetiu, várias vezes, a importância dos temas econômicos em Caracas. Mas apressou-se, logo, em esclarecer que o tema do café não deveria ser ventilado enquanto Oswaldo Aranha feisava que sempre a política do Governo foi a de fazer o con-

sumidor brasileiro pagar mais caro do que o americano. Bedel Smith definiu, com a maior clareza qual o sentido das discussões econômicas de Caracas que já eram, aliás, perfeitamente claras para os que acompanharam, por exemplo, as recomendações de Milton Eisenhower e ouviram as declarações de Capehart. Diz Bedel Smith que «a Amé-

rica Latina está a caminho de tomar medidas positivas e eficazes para estimular as aplicações de capitais particulares norte-americanos, protegendo-os contra as nacionalizações e medidas desse gênero». Trata-se, como se vê, de por em prática mais efetiva o Plano Truman, do qual o Relatório Eisenhower é uma simples variante.

Essa pressão econômica acompanham-na os imperialistas de ameaças políticas declaradas a pretexto de medidas conjuntas para impedir «que a União Soviética realize seus desígnios subversivos» nos quais se incluem, naturalmente, o oferecimento de compra e venda por bons preços, de produtos que os americanos estão acostumados a comprar quase de graça e a vender a péso de ouro.

Bedel Smith formulou um ataque frontal ao governo da Guatemala, segundo ele «profundamente penetrada pelos virus do comunismo internacional».

Dentro de poucos dias, ao inaugurar-se a Conferência, ficará ainda mais patenteado o que já se sabe: a ópera é nova, mas a partitura é demasiada velha.

As Palavras de Paz e o Orçamento de Guerra Do Governo Belicista De Winston Churchill

O governo de Churchill fixou em 1.639.900.000 libras os gastos militares para o ano fiscal 1954-1955, o que constitui um recorde em tempo de paz. O próprio comunicado oficial a respeito não pôde esconder que essas despesas acarretam «um pesado ônus à economia britânica, quer do ponto de vista do balanço, quer do relativo ao equilíbrio dos pagamentos».

Ninguém ameaça a Inglaterra a não ser precisamente os seus chamados «aliados», os Estados Unidos, que lhe arrebatam os mercados nos próprios países da Commonwealth, fornecem-lhes uma «ajuda» extorsiva e ocupam militarmente até mesmo o território metropolitano, sem excluir Londres, a ex-capital do mundo financeiro. A intromissão dos americanos em todos os assuntos de seus sócios esterlinos é tão abusiva

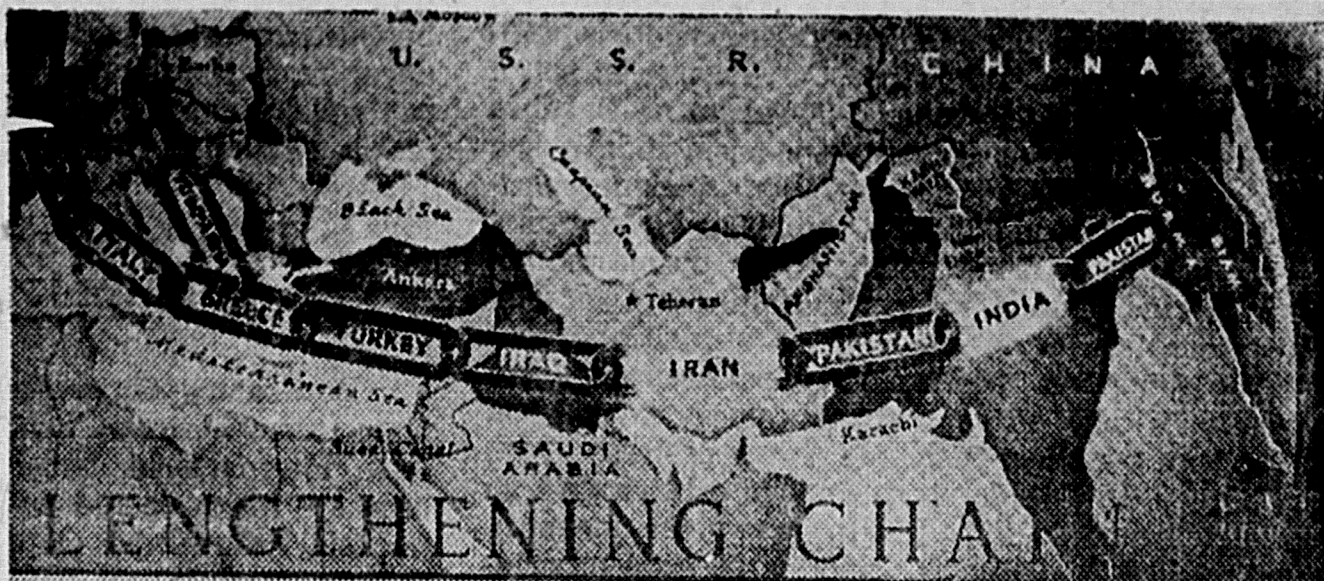
que, há tempos, negaram aos ingleses sequer licença para mandar observadores na conferência destinada a discutir o ANZUS (pacto entre a Austrália, Nova Zelândia e Estados Unidos).

O armamento intensivo da Grã-Bretanha é inteiramente votado a fins de agressão e nada tem de comum com os desejos de seu povo, que ama a paz e anseia por obras sociais que seus governantes

imperialistas suspendem sistematicamente para poder lançar ao mar novos barcos de guerra e aviões de bombardeio atômicos que visam aos povos democráticos. Essa intensificação militar «máxima» foi feita em conformidade com as decisões do Conselho do Atlântico, na reunião realizada em Paris, em dezembro passado. Por outras palavras, o voto norte-americano foi decisivo para decidir do próprio orçamento britânico do governo Churchill, esse mesmo Churchill que tanto folga em lançar calúnias sobre os países democráticos que apoiam a política de paz da União Soviética.

Esses simples fatos demonstram o caráter de subserviência dos governantes britânicos que desceram dos mastros a bandeira nacional para substituí-la pela bandeira dos dólares. Durante a Conferência de Berlim os porta-vozes britânicos, com Eden à frente, enrouqueceram de tanto proclamar as «intenções pacíficas» do atual Governo. Todavia, basearam toda a sua atuação no famoso «Pacto do Atlântico» e tornaram, por isso, impossível um acordo no momento sobre a questão da Alemanha e a Austria, enublado outras questões internacionais.

O novo orçamento de guerra é a resposta prática do próprio governo Churchill aos argumentos esfarrapados que apresentaram em Berlim.



«A Cadeia se estende»... Eis o título com que a conhecida revista «Time», que reflete os pensamentos do imperialismo ianque publicou o mapa acima, sobre a política de cerco militar à União Soviética.

CRÔNICA

INTERNACIONAL

Melhores Condições Para Entendimentos

A CONFERÊNCIA de Berlim encerrada à 18 de fevereiro corrente, apesar do trabalho de sapa que contra ela realizaram os imperialistas, alcançou alguns êxitos e contribuiu para o encaminhamento de algumas das mais importantes questões internacionais.

No âmbito dos assuntos que entraram na pauta da Conferência ocupou um lugar de destaque o da diminuição da tensão internacional e da participação da China nas conferências das grandes potências. Como se sabe, pressionados por Foster Dulles, os governos da França e do Reino Unido cederam mais uma vez e, contra o interesse de seus próprios povos, recusaram-se ao pleno reconhecimento dos direitos inalienáveis do povo chinês. Todavia, não lhes foi possível recusar, totalmente, os contactos e as conversações com o governo chinês para os problemas da Ásia que constituem algumas das mais agudas questões mundiais. A causa da China, que é a de todos os povos democráticos, foi vigorosamente defendida por Molotov, que exigiu a fidelidade aos tratados em vigência e demonstrou, cabalmente, a impossibilidade de obter-se solução satisfatória para a crise nas relações internacionais sem a participação do grande povo chinês nos entendimentos.

A decisão de convocar-se uma conferência para os assuntos do Oriente, a 26 de abril, em Genebra, comprova que não se pode tapar o sol com a peneira e que o governo de Pequim tem de ser reconhecido no lugar que lhe cabe nos assuntos internacionais. Não foi possível a Dulles obrigar seus parceiros ingleses e franceses a uma recusa pública e rasa de entendimentos com o regime popular chinês, e ele teve de aceitar uma fórmula de transação. A simples convocação da Conferência de Genebra retirou do impasse a Conferência Política para a Coreia, que os americanos tentavam impedir a todo o custo, pois os assuntos de que ela trataria serão discutidos, agora, num

plano mais alto e focalizados em aspectos mais amplos. Ficou também aberto o caminho para a paz na Indochina. Houve, portanto, bem caracterizada uma derrota fragorosa da diplomacia de Wall Street. Ninguém tem dúvidas, por outro lado, que a Conferência de Genebra tratará necessariamente de assuntos não especificamente asiáticos, pois não é mesmo possível isolar os assuntos do Oriente dos do resto do mundo.

A contragosto, ainda, os chanceleres ocidentais tiveram de aceder em prosseguir os debates sobre o desarmamento visando, pelo menos, a uma redução substancial dos armamentos. Não há negar, portanto, que as tentativas de levar ao fracasso integral a Conferência de Berlim, acalentadas pelos círculos reacionários, não tiveram êxito.

Por outro lado, porém, é um fato concreto que o problema mais agudo da situação européia, que é o alemão, não se encaminhou para qualquer acordo imediato, em vista da intransigência dos governos ocidentais que fundam sua atuação nos agressivos Pacto do Atlântico e na chamada Comunidade Européia de Defesa. Tentando forçar a URSS e os países europeus a aceitarem uma política de fato consumado, Dulles, Eden e Bidault impediram qualquer acordo sobre a Alemanha e, consequentemente, sobre a Austria.

Em todo o mundo e, particularmente, na Alemanha ficou patente para todas as pessoas sensatas que as soluções apresentadas pela URSS são as únicas condizentes com os interesses da paz, da independência e de segurança dos povos. Também nesse sentido, portanto, a Conferência de Berlim constituiu um poderoso fator de mobilização das amplas massas de todos os países. E os efeitos desse novo impulso não deixarão de se fazer sentir amplamente, em prazo breve, ampliando as condições para alcançar-se substancial alívio internacional.

MOHAMED ALI E AS LEIS DO PROFETA

COMO donzelas insultadas em seu pudor, os altos círculos governamentais americanos protestaram indignados quando começaram as denúncias sobre o projeto de «auxílio» militar ao Paquistão. A Índia, diretamente visada por esse «auxílio», protestou mas seus protestos foram considerados insólitos porque, dizia o Departamento de Estado, não havia a menor intenção de fornecer armas ao Paquistão.

Agora, porém, o governo de Karachi já anunciou que pediu oficialmente «auxílio militar» aos Estados Unidos. Esse pedido percorreu, sem dúvida, um longo caminho: o que leva de Washington a Karachi e o que leva de Karachi a Washington. A história se explica por isso e porque o apelo teve de ser traduzido e vertido duas vezes.

Paralelamente, entrosa-se o Paquistão em um tratado

com a Turquia, o que sem dúvida constituiu outro passo grandioso para a paz no mundo árabe e adjacências...

O «auxílio» ao Paquistão ameaça a Índia e prejudica os próprios interesses da Grã-Bretanha que perde o lugar no fornecimento de armas e de técnicos. Mas, na realidade, ele visa construir mais um elo na cadeia de bases militares voltadas contra a União Soviética, a China e os outros países democráticos. Enquadra-se nos projetos de construir um agressivo bloco árabe-muçulmano pelo qual forcejam os ianques há tanto tempo.

Maomé, o profeta, proibiu a seus seguidores o consumo da carne de porco. Seu suposto discípulo, Mohammed do Paquistão, pelo visto, segue fielmente seus votos. Nada de carne de suínos! Prefere negociar diretamente com carne de cão.

TRIBUNA DO IV CONGRESSO

A Propósito de "O Canto do Mar"

ROBERTO CORREIA

PREZADO camarada Jorge Amado: LI, na IMPRENSA POPULAR, o artigo em que você, a pretexto de analisar uma crônica cinematográfica, procurou definir a posição dos comunistas não só quanto às questões do cinema nacional, mas quanto à cultura nacional.

Sou um leigo em matéria de arte e de cultura. Entretanto, gostaria de focalizar alguns aspectos do problema que me interessa profundamente, a mim como brasileiro e como comunista.

O que quero abordar diz menos respeito ao filme em si, do que a nossa posição diante dos problemas culturais.

Tem faltado nos intelectuais comunistas, em nossa pátria, uma justa orientação nos problemas da sua frente específica de trabalho. Isto se deve a três motivos fundamentais:

- 1.º — A subestimação pela direção do Partido, da literatura, da arte e do cinema, como fatores importantíssimos para a nossa luta revolucionária;
- 2.º — A falta de uma justa linha política do Partido;
- 3.º — A falta do domínio da teoria marxista-leninista por parte de nossos intelectuais.

Como consequência desses três fatores, nossos intelectuais não tomaram nenhuma posição definida na frente cultural no período que vai de 45 a 48; não procuraram delimitar os dois campos de cultura em nossa pátria:

— O campo semi-feudal e imperialista, dirigido pelos latifundiários e os «trusts» americanos e o campo anti-feudal e anti-imperialista, dirigido pelo proletariado.

Nessa época, nem o Partido, nem os escritores do Partido, seguiam qualquer orientação definida em matéria de arte e de cultura.

Com a mudança de nossa linha política em 1948, teve início uma reação entre os nossos escritores contra aquela situação. Mas, então, fomos pouco a pouco descambando para posições esquerdistas na tática do Partido — posições que nos levaram ao Manifesto de Agosto — o mesmo acontecendo com o nosso trabalho na frente cultural. Nossos intelectuais passaram a adotar atitude isolacionista e sectária, que depois foi se transformando em passividade e conformismo.

Hoje, com uma justa linha política, temos o Programa do Partido, e o seu artigo, camarada Jorge, é o primeiro grito contra o sectarismo no trabalho na frente cultural. Mas, na minha opinião, você avançou o sinal e descambou para outro lado não menos perigoso e nocivo à nossa causa. Você defendeu, no seu artigo, a abdicação do papel de vanguarda pelos escritores e artistas comunistas.

Lemos logo no início do seu artigo: «É claro que se o filme

de Cavalcanti nos mostrasse, ao lado do trágico quadro da vida nordestina, que ele traça com um vigor antes desconhecido em nosso cinema, aqueles homens que lutam para mudar o curso dessa existência, se ele abrisse uma perspectiva de luta e apresentasse a solução justa, teríamos um filme de importância única. Mas desde quando temos o direito de exigir de Cavalcanti tal filme? (O grifo é meu).

E você prossegue: «Filmes dessa ordem podemos e devemos exigir daqueles «mteurs-en-scene» cuja filiação política e concepção da vida não lhes permite, sem faltar a seu dever, apresentar-nos filmes onde a realidade esteja limitada pela falta de perspectiva, pela falta de uma saída justa para a miséria, a fome, a dor e a desgraça».

Não há dúvida que se levanta aí uma questão de primeira grandeza: «Que devemos exigir dos «mteurs-en-scene» não comunistas?»

Esse problema é importante, camarada Jorge, não só porque «ele define nossa posição ante o cinema nacional», mas porque «ele define nossa posição frente a toda a cultura nacional. Aí está implícita a pergunta: «Que devemos exigir dos escritores, poetas, artistas não comunistas?»

Para compreendermos isso, temos que analisar a etapa atual da Revolução Brasileira e o processo de luta que se desenrola em nossa pátria.

A cultura é determinada pela política e a economia. Um regime econômico e político determinado possui uma cultura determinada.

O regime econômico e político existente no Brasil é um regime semi-colonial e semi-feudal. Mas, por outro lado, existem forças sociais que procuram destruir o regime semi-colonial e semi-feudal (o proletariado, os camponeses, a pequena-burguesia, a burguesia nacional).

Como consequência, existem duas culturas no Brasil: uma que serve às forças sociais dominantes e que defende a passividade, a subserviência, o cosmopolitismo, o anti-comunismo, e que procura apresentar de forma falsa a situação das grandes massas de nosso povo; outra que serve às forças sociais que lutam para destruir o regime semi-colonial e semi-feudal. Essas duas culturas (embora apresentem pontos comuns, já que existe unidade em toda contradição) travam uma luta irreconciliável, que só terminará com a derrota da cultura semi-feudal e imperialista.

Aqui está o nosso divisor de água em questão de cultura.

Apoiaremos por todas as formas todos aqueles intelectuais e artistas na medida, e só na medida, em que se colocarem efetivamente contra os inimigos mortais de nosso povo.

É um erro achar que só os comunistas são capazes de acusar os inimigos de nosso povo; é um erro achar que apenas os intelectuais comunistas são capazes de apontar ao povo uma saída, uma perspectiva.

Cada vez mais setores de nossa intelectualidade vão compreendendo que os inimigos mortais de nosso povo são o imperialismo e o feudalismo, e a medida que vão compreendendo essa verdade vão se colocando contra esses inimigos e apontam ao povo o caminho da luta revolucionária.

E aqueles intelectuais e artistas que não tomarem posição contra os inimigos de nosso povo não poderão contar com o nosso aplauso e o nosso apoio.

Temos de exigir dos intelectuais brasileiros, hoje, frente ao imperialismo e ao feudalismo, a mesma posição que os nossos intelectuais tomaram no passado na luta pela independência nacional, pela libertação dos escravos e pela República.

Temos de exigir dos intelectuais brasileiros (e não apenas dos intelectuais comunistas) a mesma posição pela qual se batia apaixonadamente Belinsky na sua «Carta a Gogol».

Toda a nossa literatura e a nossa arte verdadeiramente nacional devem estar impregnadas do ódio ao imperialismo e ao feudalismo.

Claro é que não estamos ainda na etapa da Revolução Socialista e, por isso, não é possível — como você mesmo acentua — colocarmos como divisor de água a questão do realismo-socialista, embora como representantes do proletariado revolucionário devamos tudo fazer, mesmo agora, para que a nova cultura brasileira assimile a experiência da cultura mais avançada do mundo e se impregne do realismo-socialista.

Se não vamos exigir que os escritores nacionais, no momento presente, tomem posição ao lado do realismo-socialista, temos de exigir, entretanto, que eles tomem posições contra o imperialismo, o feudalismo e o governo de Vargas. Deixar de exigir isso é o Partido abdicar de seu papel de vanguarda e dirigente da revolução democrática-popular e adotar uma atitude seguidista, que não nos levará de forma alguma a arrastar a intelectualidade brasileira para o campo da Revolução.

Onde Está a Auto-Critica Do Camarada Fernando Lacerda?

São Paulo, 10 de fevereiro de 1954.

Sr. Diretor da «Voz Operária».

NA PÁGINA «Tribuna do IV Congresso, do dia 6 do corrente foi publicado um artigo de Fernando Lacerda, em que ele tratava da questão de crítica. Devo dizer que li com atenção esse artigo, e fiquei surpreendido pelo fato de não encontrar, no mesmo, nenhuma referência à que foi feita ao companheiro Fernando Lacerda, pelo Informe do camarada Diógenes de Arruda em abril de 1952.

Nesse Informe encontramos o seguinte trecho: «Daí Crispim e aqueles liquidacionistas mais empedernidos,

entre os quais formava o camarada Fernando Lacerda, terem lançado a mais terrível campanha de calúnias que se possa imaginar contra todos os que se batiam pela existência do Partido e lutavam praticamente pelo crescimento e fortalecimento do Partido.»

A meu ver, para que o artigo de Fernando de Lacerda pudesse ter valor e nos ensinasse como empregar a crítica de maneira criteriosa e construtiva, nele devia conter referência a esta crítica. Do contrário, parece que nosso companheiro fala da crítica, sem se referir a este fato, na esperança de

que ele fique esquecido. Além do mais, a falta da citação, pode levar ao leitor que a opinião de Fernando Lacerda é, na verdade, uma crítica à crítica que lhe foi feita.

Penso que a maneira que Fernando Lacerda escreveu nos dá um ensinamento, não propriamente como se deve fazer a crítica, mas de que fazer auto-crítica não é coisa fácil. Por isso verifica-se quanto é importante saber utilizar tanto a crítica como a auto-crítica, como método diário para melhorar o nosso trabalho e melhor cumprir as nossas tarefas.

Fraternalmente

UBIRATAM DO AMARAL

Colocar a questão do realismo-socialista como divisor de água, atualmente, é uma posição sectária e reacionária. Mas daí até o ponto de exigirmos que os cineastas nos deem filmes onde a forma seja nacional, onde exista qualquer coisa de brasileiro, vai muito longe.

Isso seria esquecermos que existem duas culturas em nossa pátria e que elas têm pontos em comum. Além do mais seria contentar-nos com uma posição de neutralidade dos intelectuais num momento em que dizemos que o Brasil se acha ameaçado de se transformar em colônia dos Estados Unidos.

Não, não podemos aceitar filmes que focalizem apenas a paisagem brasileira, os costumes brasileiros e a música brasileira. Nem vamos aplaudir entusiasticamente um filme pelo simples fato de mostrar a miséria em que vive o nosso povo. Isso, no fundo, seria nos contentarmos com uma posição de neutralidade dos intelectuais. E a quem interessa, no momento atual, uma posição de neutralidade? Ao povo oprimido ou as classes opressoras?

Devemos sem dúvida apoiar cada passo — por mais débil — que qualquer artista ou escritor venha a tomar em defesa da cultura nacional, mas, ao mesmo tempo, devemos criticar o que de decadente e negativo contiverem suas obras e exigir deles que deem passos na luta contra o inimigo.

Uma das questões mais importantes para nós, atualmente é sabermos distinguir perfeitamente toda a série de matizes que se colocam entre os escritores e artistas revolucionários, isto é, que já tomaram posição aberta contra o imperialismo americano e o feudalismo, e os escritores e artistas contra-revolucionários. A nossa crítica deve procurar ganhar, para a

luta revolucionária, todos aqueles que não estejam do lado da contra-revolução.

Mas, ganhar como? Passando por cima de suas vacilações e posições falsas? Não. Ganha-los-emos à medida que os apoiarmos calorosamente nas suas atitudes justas e os criticarmos nas suas atitudes falsas.

Para que queremos unir os intelectuais e artistas? Para adotarem atitude de passividade frente ao inimigo ou para lutar ativamente contra o inimigo?

Por outro lado, na medida do proletariado com a burguesia e a pequena-burguesia continua a haver a luta pela hegemonia do proletariado na Revolução, que é uma luta profundamente ideológica.

Mas, falemos agora do filme de Cavalcanti. O filme tem lados positivos? Tem, não resta dúvida. A principal importância do filme é que nos mostra o quadro de miséria da vida nordestina.

Apesar de que isto seja um fator importante, não é ainda suficiente para merecer de nós calorosos elogios porque do contrário teríamos de elogiar muito patife por aí.

Mas, ao lado desse lado positivo, que vemos mais? O filme de Cavalcanti acusa os latifundiários pela miséria do povo, pela fuga dos nordestinos? Não. Cavalcanti procurou fugir a este assunto. Tanto que os personagens do filme não são ligados à questão da terra. Os personagens são: uma lavadeira, a filha da lavadeira que depois se prostitui, um vendedor de frutas filho da lavadeira, um marítimo enlouquecido (esposo da lavadeira), uma prostituta, um dono de botequim, um chofer de caminhão e a empregadinha do botequim.

Como são apresentados os

flagelados, que aparecem no episódio do navio? Como homens que terão de voltar a seus lares após a primeira chuva, desiludidos com as metrópoles do Sul do País. A quem interessa esta tese? Aos latifundiários, que desejam prender os camponeses à terra. Ao movimento revolucionário não trás nenhum prejuízo a vinda dos camponeses para os grandes centros industriais, pois sabemos que aí muito mais facilmente eles se integrarão na luta de libertação nacional.

O filme de Cavalcanti acusa o imperialismo americano? Não. O filme, na única passagem em que aborda o problema, coloca os invasores de nossa pátria numa posição que não causa nenhuma repugnância ao público. Qual o objetivo de Cavalcanti, ao focalizar o encontro da jovem prostituta com o marujo americano, senão o de mostrar que as prostitutas de Recife tinham um nível de vida elevado graças aos dólares americanos.

O filme de Cavalcanti acusa o governo? Não. Em nenhum momento faz o espectador sequer imaginar que toda aquela miséria está ligada com a questão do governo.

O filme de Cavalcanti aborda aspectos históricos, procura despertar o sentimento de luta e de revolta? Não. Ao contrário, procura despertar o sentimento de impotência e de conformismo.

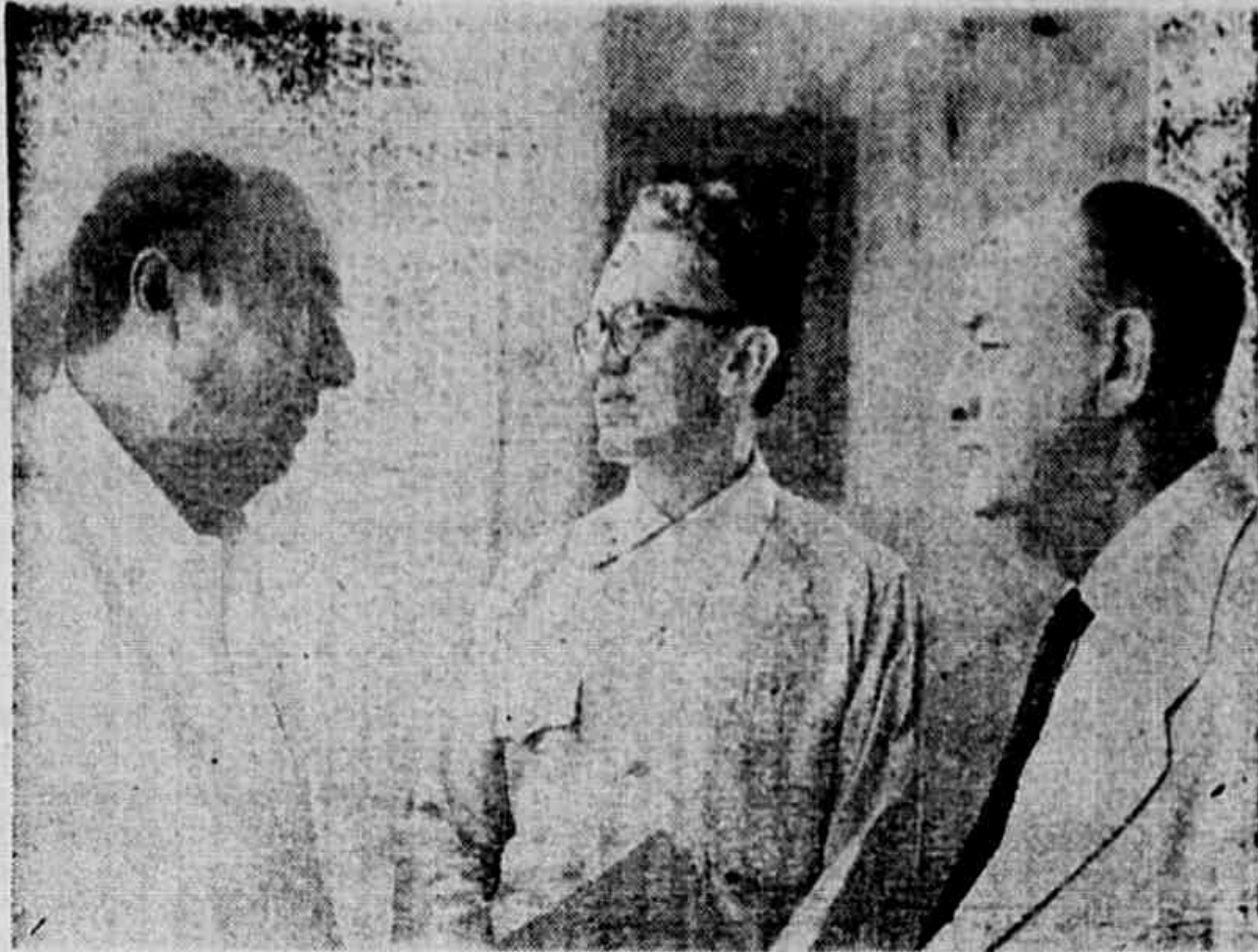
Finalmente, o filme de Cavalcanti faz uma aberta propaganda da prostituição.

Eis, camarada Jorge Amado, na minha opinião, o que é o filme de Cavalcanti.

E assim como compreendo a questão.

Atenciosamente — Sr. Roberto Correia.

« DEVEMOS INCORPORAR À NOSSA CULTURA MILHÕES E MILHÕES DE BRASILEIROS »



Num dos intervalos do Congresso, palestram o grande poeta chileno Pablo Neruda, o desembargador Henrique Fialho e o juiz Osni Duarte.

O I CONGRESSO NACIONAL DE INTELLECTUAIS, FESTA E TRIUNFO DA CULTURA BRASILEIRA

QUATRO RESOLUÇÕES BÁSICAS E UM APÊLO:

- o povo brasileiro possui uma cultura nacional característica e vigorosa a preservar;
- intercâmbio com todos os países, fator de desenvolvimento da cultura brasileira;
- defesa das liberdades democráticas, condição indispensável ao desenvolvimento da cultura;
- exigência de condições e meios materiais para a expressão e divulgação do pensamento e da cultura;

Que os intelectuais trabalhem juntos, dando ao Brasil o melhor de seu coração e de sua inteligência

CERCA de 300 intelectuais brasileiros, vindos de todos os Estados sem exceção de um só, reuniram-se durante vários dias, em sessões plenárias (muitas mais foram consumidas nos trabalhos das comissões). Todas as suas resoluções foram tomadas por unanimidade. Toda a sua preocupação central: Devemos incorporar à nossa cultura milhões e milhões de brasileiros.

Essa importante assembléa foi o Primeiro Congresso Brasileiro de Intelectuais. Diante de tão elevado objetivo prevaleceu, do primeiro ao último instante dos trabalhos, um clima de cordialidade e entusiasmo, de unidade em que os mais diversos pontos de vista.

ro ao último instante dos trabalhos, um clima que os mais diversos pontos de vista.

e mais uma dezena de pintores, escritores, es-
cultores de vários países irmãos.
Enviaram mensagens o pintor mexicano Siqueiros, Jean Painlevé, presidente da Associação Internacional de Cinema Científico, os escritores portugueses Alves Redol, Aquilino Ribeiro, Ferreira de Castro, Fidelino Figueiredo, Rodrigues Lapa com mais 50 assinaturas da intelectualidade lusa, o escritor costarriquenho García Mange, e numerosos outros.

Os intelectuais sabem o que querem

Funcionaram mais de dez comissões tratando das múltiplas questões que dizem respeito à atividade intelectual no rádio, no cinema, nas artes plásticas, músicas, atividades científicas, históricas, folclore, teatros, televisão, etc.

Uma das características do Congresso foi um plenário sempre cheio, atento e interessado nos debates. Durante a realização do Congresso realizaram-se vários e importantes atos. O grande poeta Pablo Neruda fez uma conferência, houve uma exibição folclórica, recitais de poesia e declamação que ligaram o Congresso ao povo goiano. Os pintores presentes expuseram seus trabalhos e os doaram à cidade de Goiânia. A propósito Frei Nazareno Confaloni fez uma interessante proposta, declarando:

Repercussão no exterior

Brilhantes figuras da cultura de outros países participaram do Congresso, demonstrando o enorme interesse que o conclave despertou no exterior, o prestígio da cultura brasileira. Lá estavam, em Goiânia, Pablo Neruda, Baltazar Castro, Jesualdo, Asuncion Flores, Alfredo Varela, René Dépeste



Neste grupo formado durante o Congresso, vêem-se o escritor Jorge Amado, o padre Públio Calado, Hermínio Jimenez, compositor e maestro, presidente da Associação de Artistas Paraguaioes, Jesualdo, escritor e educador uruguaio e o professor de teologia do Seminário de Goiás.

VIDA DOS PARTIDOS COMUNISTAS

VI CONGRESSO DO P. C. BULGARO

Saudações de Prestes em telegrama a Vylko Tchervenkov
Por motivo da realização do VI Congresso do Partido Comunista Bulgaro, Luiz Carlos Prestes dirigiu a Vylko Tchervenkov a seguinte mensagem:

VILKO TCHERVENKOV SOFIA BULGARIA

O COMITÊ Central do Partido Comunista do Brasil congratula-se com o heroico Partido Comunista Bulgaro pela realização do seu VI Congresso e manifesta sua admiração e seu carinho para com o Partido de Dimitrov.

O Partido Comunista do Brasil acompanha com vivo interesse os êxitos do povo búgaro na construção do socialismo, importante contribuição ao reforçamento das forças da paz e da democracia lideradas pela gloriosa União Soviética. As vitórias do Partido Comunista Bulgaro são um estímulo ao povo brasileiro em sua luta pela libertação nacional do jugo imperialista norte-americano.

Auguramos aos queridos camaradas bulgaros pleno êxito nos trabalhos de seu VI Congresso.

Fraternalmente,

LUIZ CARLOS PRESTES

O PARTIDO COMUNISTA DO PARAGUAI DEPURA SUAS FILEIRAS

O C.C. do Partido Comunista do Paraguai divulgou uma resolução, tomada em agosto do ano passado, expulsando das fileiras do Partido os traidores Antonio Gamarra e Juan Acosta.

Fundamentando os motivos da expulsão, a resolução desmascara a atividade de sapa durante anos exercida por tais indivíduos nas fileiras do P.C. do Paraguai, onde procuraram levar à vitória a tendência

anarco-sindicalista do traidor Aurelio Alcaraz, anteriormente expulso do Partido. Esses agentes do inimigo desenvolviam infame campanha contra o camarada Oscar Creydt, dirigente do Partido Paraguai e, tendo conseguido apoderar-se da direção do Partido em 1944, mentiam acerca do número de filiados e ocultavam o verdadeiro estado da organização, com o fito de encobrir seu trabalho de desagração e liquidação.

Quando em maio de 53 o camarada Oscar Creydt desmascarou o conteúdo ideológico da tendência anarquista pequeno-burguesa encabeçada por Gamarra, este passou abertamente a realizar um trabalho fracionista contra o Partido. Hoje em dia, tais renegados se dedicam ao trabalho de lançar calúnias contra a União Soviética e contra o combativo Partido Comunista do Paraguai.

Pela Aplicação do Método da Direção Coletiva

REALIZOU-SE recentemente um pleno de um Comitê provincial do Partido Comunista da Espanha. O Pleno dedicou grande atenção à difusão do manifesto do P.C.E. e do Partido Socialista Unificado da Catalunha desmascarando a natureza agressiva e anti-popular do pacto militar de Franco com os norte-americanos.

«Mundo Obrero», órgão do P.C. da Espanha, destaca os lados positivos do Pleno e, ao mesmo tempo, critica o Comitê Provincial por não ter trabalhado coletivamente na preparação do Informe de balanço de sua atividade. Nas vésperas do Pleno, o Comitê se limitou a uma rápida troca de

opiniões, sem uma discussão verdadeiramente profunda em torno das questões a abordar. Por isso, a intervenção do responsável não podia ser considerada como Informe do Comitê. Abandonando o princípio da direção coletiva, os membros do Comitê permitiram que a opinião do Comitê fosse substituída pelas opiniões pessoais de um dirigente.

«Mundo Obrero» indica que o novo Comitê Provincial eleito deve aplicar desde o início o princípio da direção coletiva... Só assim poderá permanecer sempre à altura da responsabilidade que o Partido lhe confiou.



No ato solene de instalação do Congresso, quando Pablo Neruda fazia a sua cantada à intelectualidade brasileira.

«O Congresso de Goiânia veio demonstrar que os nossos artistas estão com os pés no chão, sabem o que querem. Os artistas haviam resolvido doar seus quadros à cidade de Goiânia. O Museu de Arte de Goiânia nasce, assim, como um presente dos artistas do Brasil. Por isso, sugere que em cada Estado se organize, como foi feito no Congresso, uma exposição de artistas de todo o Brasil. Essa será a melhor forma de difusão de nossa cultura. Essas exposições deverão apresentar obras de arte popular e folclórica. Pois os artistas devem olhar o que o povo faz, pois é do povo que nasce a arte. Um país pobre de tradições tem uma arte pobre. É o que acontece com a América do Norte».

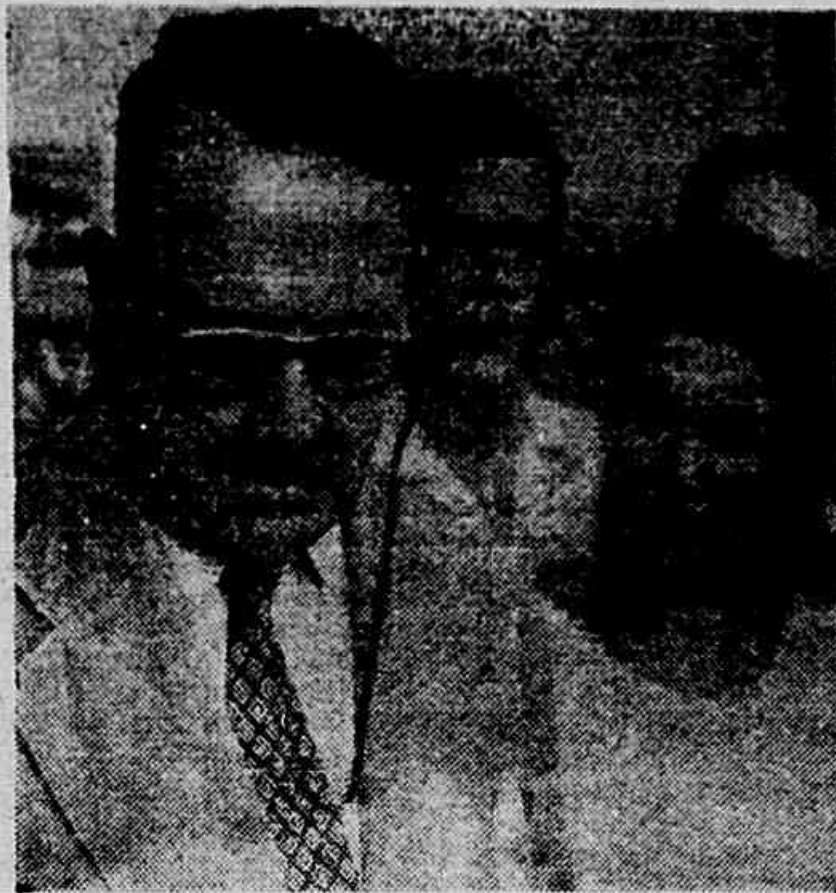
Em defesa da liberdade e da cultura

Outras intervenções causaram funda impressão. O professor Alberto Americano fez um retrospecto da legislação contra as liberdades democráticas no Brasil. Frisou o repúdio geral aos atentados

à liberdade de cátedra, aos atentados aos direitos humanos e do cidadão, para concluir: «Sem ampla liberdade não existe possibilidade de desenvolvimento da cultura».

O professor Cesar Avila, apresentou aspectos de uma questão profundamente sentida pelo povo — a alarmante falta de médicos. A ciência médica está sendo asfixiada no Brasil. Autores médicos brasileiros, como Raul Batista, já falecido, e Ivo Correia Meier, não puderam editar seus trabalhos.

O Padre Publio Calado, de Pernambuco, denuncia a destruição de um monumento histórico, o Forte do Buraco, testemunha da vitória dos brasileiros sobre os invasores holandeses no século XVII, para construir uma base naval. A moção aprovada por proposta pela delegação pernambucana termina afirmando a «responsabilidade que hoje cabe a todos os brasileiros pela defesa da cultura nacional ameaçada pelo cosmopolitismo descaracterizador e corruptor de nossas tradições».



O cineasta Cavalcanti e a intérprete da música brasileira, Vanja Orico.

Quatro Afirmações de Patriotismo

Numerosas foram as resoluções tomadas por proposta das diversas comissões relativas a cada assunto específico. A todas, o Congresso resumiu em quatro resoluções e um apelo:

1 — afirmamos que o povo brasileiro possui uma cultura nacional característica e vigorosa, suscetível de desenvolvimento ilimitado, que deve ser preservada das influências desvirtuadoras que a ameaçam;

2 — afirmamos que o intercâmbio cultural com todos os povos é um fator básico de enriquecimento da cultura brasileira, além de contribuir para criar relações amistosas entre todos os países e por isso deve ser cada vez mais intensificado, sem restrições ou discriminações;

3 — afirmamos que a defesa das liberdades democráticas é condição indispensável ao desenvolvimento da cultura e repudiamos todas as leis que restrinjam as garantias democráticas;

4 — reclamamos dignas condições de vida e meios materiais necessários à expressão e divulgação do pensamento e da cultura.

Este Congresso foi uma afirmação de nossa confiança no Brasil, das possibilidades que existem para que os intelectuais trabalhem juntos pela preservação e crescimento da cultura nacional, expressão do trabalho, da sensibilidade e das virtudes criadoras do nosso povo.

E deste Congresso, que foi também uma festa e um triunfo para a cultura brasileira, lançamos um apelo a todos os intelectuais do país, para que se irmanem com o mesmo espírito que inspirou o encontro de Goiânia, dando ao Brasil o que há de melhor em nosso coração e em nossa inteligência».



Grupo folclórico dos «catingueiros» goianos, que atuou nas realizações artísticas do Congresso. Entre eles, a folclorista chilena Margot Loyola.

Resolução do CC do PCB Sobre A Luta Pela Legalidade do Partido

NA REUNIAO plenária que realizou em dezembro último, o Comitê Central do PCB aprovou a seguinte resolução sobre a luta pela legalidade do Partido:

«O Partido Comunista do Brasil cumpre sua missão de dirigir as amplas massas operárias e populares na batalha pela paz, as liberdades, a independência nacional e a democracia popular. Para melhor realizar essa missão, o Partido Comunista do Brasil precisa reforçar mais ainda seus vínculos com a classe operária e o povo, tem o indeclinável dever de aparecer mais e mais diante das massas com sua orientação e seu programa.

O Partido Comunista do Brasil, com este objetivo, deve desenvolver intensa atividade legal e utilizar amplamente todas as formas legais de luta. Isso é indispensável para o surgimento de novos e vastos movimentos de massas dirigidos pelo Partido.

Ao Partido Comunista do Brasil cabe ainda a tarefa de lutar incessantemente pelo reconhecimento legal de sua qualidade de partido político e pela reconquista de seu registro eleitoral. A legalidade do Partido Comunista do Brasil só pode ser conquistada pelas grandes massas operárias e camponesas através de ampla campanha nacional.

Estando fixadas para 1954 eleições de âmbito nacional, estadual e municipal, cabe ao Partido Comunista do Brasil tomar as medidas práticas que lhe permitam participar ativamente da campanha eleitoral e do próprio pleito, registrar candidatos e conquistar efetivamente, através do voto popular, postos eletivos para seus militantes e amigos.

Em face dessas razões, o Comitê Central do Partido Comunista do Brasil resolve:

1. Encaminhar ao Tribunal Superior Eleitoral um novo pedido de registro eleitoral do Partido Comunista do Brasil. Apoiando esta petição, todas as organizações do Partido deverão desenvolver ampla campanha de massas.

2. Autorizar o Presidium do C.C. a tomar medidas legais que possibilitem a participação do PCB nas eleições marcadas para 1954.

3. Determinar que o Presidium do C.C. estabeleça as negociações que julgar convenientes com outras forças políticas para assegurar a participação do PCB nas próximas eleições para governadores, senadores, deputados federais, prefeitos, deputados estaduais e vereadores. O Presidium deve informar ao C.C. sobre todas as negociações realizadas em torno das eleições.

Brasil, dezembro de 1953.

O COMITÊ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL»

O GOVERNO ARRUINA OS PEQUENOS BANANICULTORES

Grileiros no litoral do Estado de São Paulo

ITANHAEEN — (Do correspondente) — O município de Itariri é o maior exportador de bananas da zona Santos-Juquii. A banana, que é um dos mais importantes produtos de exportação do Estado de São Paulo (1), de forma alguma traz prosperidade àqueles que se dedicam à sua cultura. E apesar das promessas de Getúlio e Osvaldo Aranha, os produtores ainda não viram um centavo sequer do abono instituído pela nova lei de câmbio (2). Segundo as promessas essa bonificação seria paga a partir de janeiro, mas os bananicultores continuam a «ver estrelas». A situação dos bananicultores, que constituem a maioria nesta região, é angustiosa. Sabe-se que o «descarte» (entrega do produto no mercado) em São Paulo está dando um preço muito baixo. Não compensa nem o corte e o embarque. Enquanto o intermediário paga a miséria de 6 cruzeiros por cacho de banana, o consumidor em São Paulo paga 2,50 a 3 cruzeiros à dúzia, graças à inércia do governo com sua COFAP. Entretanto, essas dificuldades só existem para os pequenos produtores pois os grandes gozam de facilidades. Apesar disso são os pequenos produtores os que melhor pagam aos assalariados agrícolas e o fazem sempre em dinheiro, ao contrário dos grandes que possuem armazéns (barracões) para explorar a «indústria do vale». Os ordenados de um modo geral são ínfimos. 60 cruzeiros por dia, e os preços são tanto ou mais elevados que os da cidade.



que vai pouco a pouco desalojando os pequenos produtores. O escândalo é tamanho que esse grileiro tem até levantado dinheiro no Banco do Brasil com a garantia da terra roubada aos possesores sítiantes, para financiar a construção de aranha-céu em São Paulo.

Quem trabalha para Hanashiro não vê a cor do dinheiro. Recebe apenas «vales» que sofrem descontos de 20 a 30% nos armazéns do próprio dono das terras e de mais dois associados. Nesses armazéns há falta de tudo para obrigar os camponeses a passar a feijão e farinha, como escravos. Se alguém reclama é despedido e recebe o saldo em «vales» que jamais são descontados. Há pouco um trabalhador foi despedido porque reivindicou dinheiro para comprar remédios.

O mesmo acontece aos trabalhadores do Tadashi Abe, outro grileiro que avança atualmente sobre as terras ocupadas por dez famílias de lavradores pobres, conforme foi denunciado através da VOZ OPERÁRIA. Esses indivíduos gozam de proteção oficial e todo mundo comenta aqui o fato de ter vindo a polícia de Santos ameaçar e amedrontar os posseiros localizados em terras anexas às de Hanashiro que, segundo consta, presenteou o delegado de Santos com 60 mil cruzeiros.

Diante desses fatos, o povo não alimenta ilusões no governo e tem sido procurado com empenho o Programa do PCB que levanta a bandeira da terra para quem a trabalha. Os posseiros e camponeses querem lutar faticamente apenas organizar-se num sindicato ou associação, para fazer valer os seus direitos.

NOTA DA REDAÇÃO — (1) — A exportação de bananas foi de 109.653 toneladas com um valor de 129 milhões e 655 mil cruzeiros de janeiro a junho de 1952. Em igual período de 1953 a exportação foi de apenas... 74.875 toneladas, caindo o valor da exportação para 97 milhões e 185 mil cruzeiros. (Informação colhida no Anuário Estatístico do Brasil).

(2) — Segundo o demográfico e anti-nacional «Esquema Aranha», os produtores receberiam 5 cruzeiros por dólar de café exportado e 10 cruzeiros por dólar de qualquer outro produto exportado. Entretanto, como é sabido não são os produtores que recebem esse dinheiro da bonificação tirada à custa da venda dos dólares aos importadores. Quem embolsa essa bonificação são as firmas exportadoras, fundamentalmente as norte-americanas e seus agentes nacionais. É sabido que os imperialistas norte-americanos controlam o nosso comércio exterior e impõem os preços aos nossos produtos com a cumplicidade de Vargas, dos latifundiários e grandes capitalistas.

A POLÍCIA ENCOBRE CRIMES E PERSEGUE PATRIOTAS

BLUMENAU (Santa Catarina) — (Do correspondente) — Medidas de terror policial estão sendo tomadas aqui contra o sr. Dibo Elias, agente dos jornais da imprensa popular nesta cidade. Há dias foi ele preso e ameaçado mas logo a polícia teve que libertá-lo diante da repercussão dessa arbitrariedade entre os trabalhadores e o povo. Dia 9 último de madrugada foi preso novamente e impedido de vender a VOZ OPERÁRIA e outros órgãos populares, sendo forçado a deixar a cidade temporariamente.

Entretanto, segundo consta, essa mesma polícia teria sido intermediária de uma transação imoral, mandando oferecer a importância de 1000 cruzeiros ao sr. Gustavo Kanitz, pai de uma menor de 9 anos, vítima de um monstruoso crime sexual a fim de que silenciasse sobre a grave ocorrência. Segundo se comenta largamente na cidade, o autor da violência foi o sr. Mario Mello, secretário da Associação Comercial local que é manobrada por uma minoria de grande capitalistas locais.

Que diferença entre a conduta dos comunistas, homens honrados e patriotas e a conduta de seus perseguidores e dos inimigos e exploradores do povo! O povo, que sofre com o regime de carestia, de miséria e terror do governo de Vargas sabe muito bem distinguir os fatos e as pessoas e deseja ardentemente um governo popular que liquide essa situação e ajuste contas com os seus opressores.

AGREDIDOS A TIROS OS CAMPONESES EM GOIOERÉ

GOIOERÉ — Fevereiro (Do Correspondente) — Depois da primeira missa celebrada nesta cidade, uma das numerosas recém-fundadas no Norte do Paraná, dois soldados do destacamento local cometeram as maiores violências contra os camponeses e suas famílias que voltavam às fazendas depois da festa. Iam todos alegres depois dos batizados e casamentos. Fazia muito calor. Em um dos caminhões, o que transportava camponeses da Fazenda Moreira Sales, em consequência do calor e da super-lotação, surgiu um atrito entre dois homens, que deu em nada pela imediata interferência dos demais. Mas um «alcagoete» foi logo avisar os policiais que ali compareceram e prenderam um dos homens tomando-lhe uma faca (note-se que é perfeitamente normal para os camponeses ter sua faca para uso pessoal e aqui no Norte do Paraná é inclusive comum e necessário ter-se um revolver).

Mas em vista dos espancamentos infligidos ao preso, sua esposa, em adiamento estado de gravidez teve um desmaio, originando-se o pânico entre as mulheres que diante das brutalidades dos policiais, gritavam por «Deus e por Justiça». Nessa altura os policiais investiram contra os camponeses disparando suas armas contra a massa, ferindo dois homens, um deles no pescoço. Os dois feridos foram conduzidos presos e não receberam sequer um curativo.

Foi uma verdadeira tragédia, ocasionada unicamente pelos bandidos policiais que Getúlio e Munhoz da Rocha atiram contra o povo paranaense. Elementos desclassificados, ladrões e achacadores de comerciantes fazem parte da polícia neste Norte do Paraná. É um regime de insegurança permanente este regime de Vargas e Munhoz da Rocha que são os maiores inimigos da liberdade e do bem-estar do povo.

APOIA A CAMARA DE ARARAQUARA O SALÁRIO-MÍNIMO DE 2.150 CRUZEIROS

ARARAQUARA — (Do correspondente) — Prepara-se nesta cidade um grande comício para o qual estão sendo conchamados todos os trabalhadores, com a participação de comerciantes e funcionários bem como de pequenos comerciantes, pela decretação do salário mínimo na base de 2.150 cruzeiros.

Os trabalhadores desta cidade contam, nesse sentido, com o apoio unânime da Câmara Municipal desta cidade que aprovou requerimento de autoria do sr. Orestes Pieroni Gobbo. É importante notar que os cálculos foram feitos em relação a esta sub-região, considerou o aluguel de casa na base de 500 cruzeiros. Entretanto, só em tapera se pode morar com esse aluguel, pois uma casa sófrível aqui é alugada a 800 cruzeiros por mês no mínimo.

Justificando o seu requerimento aquele vereador fez notar que essa tabela de salário mínimo não inclui uma série de despesas indispensáveis, como o leite para as crianças, os descontos dos Institutos, a condução urbana, as diversões, etc.

Por outro lado, frisa o requerimento que há necessidade do congelamento de preços nas bases atuais, ecutando, por outro lado que esse salário mínimo deveria ser fixado também para os trabalhadores de Bauri, São Carlos, Marília, Taubaté, Ribeirão Preto e outras, onde o custo de vida é equivalente ao de Araraquara.

NA SANTOS-JUNDIAÍ FISCALIS PROTEGIDOS PREJUDICAM OS FERROVIÁRIOS

SÃO PAULO — (Do correspondente da E. F. Santos a Jundiaí) — Os cancelleiros, guarda-trens e conferentes de bilhetes da Estação da Luz e de toda a Estrada fizeram um abaixo-assinado e enviaram à Administração protestando contra uma circular que desceu para todos, chamando a atenção dos empregados em geral para que tratem o público com mais urbanidade e delicadeza. Acontece porém que os responsáveis por esse tratamento ao público são os fiscais que a própria administração conserva em seus lugares. O primeiro deles é um brutamonte que tem o apelido de Macaco (chama-se Simão); o segundo é o «cabeça de cavalo» e o terceiro é o Cabello. Estes três fiscais já têm até batido em passageiros provocando atritos. Há poucos dias Cabello agrediu um passageiro e, como este era oficial de justiça, a coisa ficou feia,

foi uma correria na Estação com a chegada de três carros da Rádio Patrulha que vieram para buscar o fiscal. Isto não se deu porque o Chefe da Estação, sr. Domingos Couto escondeu seu espálio. A Administração tem recebido muitas reclamações contra esses fiscais e não toma providência alguma. O sr. Chefe está «fingindo de morto» pois bem sabe quem são os culpados. Nesse caso — comenta-se por aqui — há «dente de coelho». Acredita-se que essa circular não passa de uma das muitas manobras da Administração para perseguir os trabalhadores a pretexto de que «maltratam o público»... Qual a razão pela qual o sr. Domingos não quis dar ordem para a comissão de cancelleiros protestar junto à Administração? Contra possíveis perseguições, o gesto é os ferroviários se unirem mais fortemente dentro de seu sindicato e ficarem alertas.

O SOFRIMENTO DOS OPERÁRIOS EXPLICA A FORTUNA DOS BASSOS

BAGÉ — (Do correspondente) — No Curtume de João Basso e Cia. trabalham 140 operários entre homens, mulheres e menores. Os adultos trabalham pelo mísero salário de 3,50 por hora e os menores ganham de um cruzeiro a 1,20.

Na seção de Verniz (pintura) trabalham na maioria mulheres. Ali o ar é irrespirável e prejudicial à saúde mas, mesmo assim, os patrões não fornecem máscaras nem instalam aparelhos para ventilação. Na seção de curtimento os operários trabalham muitas vezes descalços, achando isso preferível a ficar com os sapatos encharcados, pois trabalham de 8 a mais horas dentro d'água. Nem por isso se lembram os exploradores de fornecer materiais indispensáveis e muito menos de pagar a taxa de insalubridade.

Com o refugio dos couros, os Bassos fabricam chinelos e coturnos (borzequins) que vendem ao preço de 26 e 170 cruzeiros para os próprios operários. A firma mantém um armazém onde os operários estão sempre individualizados. Os preços na «cantina» são os mesmos do comércio e os Bassos não pagam impostos porque a mesma, naturalmente, goza dos privilégios de cooperativa. Dessa forma, explorando criminosamente até crianças, os Bassos ficaram ricos e possuem o mais moderno curtume do Estado.

Na Fábrica Sem Rival: Obrigam as Operárias A Lavar os Carros E as Estrebarias

PELOTAS — (Do correspondente) — Trabalhando em troca do mísero salário mínimo de Getúlio, os operários e operárias da Fábrica Sem Rival, da firma Sales Medeiros S. A., sofrem ainda toda sorte de perseguições. O gerente Plínio Medeiros chega ao cúmulo da grosseria de bater à porta dos reservados, exigindo, aos insultos, que as operárias salam, como aconteceu um dia destes em que uma delas ficou apenas três minutos lá dentro. Isso é pressão para que essa operária peça demissão e sala sem receber a indenização dos 3 anos que ali trabalhou. O técnico da seção de compostas, de nome Walter só sabe falar aos gritos e desaforos. Há dias suspendeu uma operária só porque pôs calda demais numa compota.

Um dos parentes dos patrões, (gozam todos de muitas regalias) é um velho apontador de 65 anos, que vive dizendo «gracinhas» para as operárias e persegue uma menina de 15 anos que trabalha na firma, tentando seduzi-la, o que dá na vista de todos os operários.

Conforme já denunciámos, os patrões obrigam as operárias a prestar serviços não remunerados — as operárias são obrigadas a lavar os carros dos tubões e também as estrebarias que, diga-se de passagem, constituem uma imundície a atentar contra a saúde pública, nas barbas das autoridades sanitárias. Neste particular, cumpre dizer que essas autoridades do Centro de Saúde fazem vista grossa a verdadeiros crimes contra a saúde pública. Sabe-se de fonte segura que essa fábrica aproveitou há dias uma partida de figos pestiados, continuam fabricando cocada misturada com serragem de madeira e que um salameiro aqui em Pelotas fabrica seus produtos com carne de animais doentes.



Posta Restante

ASSIS — Recebemos cópias de dois abaixo-assinados dirigidos ao sr. Getúlio Vargas solicitando o imediato reatamento de relações diplomáticas e comerciais com a União Soviética e as Democracias Populares, acentuando as vantagens que dessa medida advirão para o povo brasileiro. Os documentos receberam 51 assinaturas de ferroviários e 70 assinaturas de esboas de outras profissões.

PELOTAS — Recebemos do nosso correspondente duas reportagens e uma notícia sobre pescadores.

VOZ OPERÁRIA
Ns. 11, 12, 13, 14,
15, 16, 17, 18, 19,
20, 21, e 26

Tendo-se esgotadas as edições de VOZ OPERÁRIA n. 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21 e 26, socilizamos dos nossos leitores e amigos que tenham exemplares dessas edições, o favor de no-las remeterem de que possamos suprir falhas de nosso arquivo, pelo que muito agradecemos.

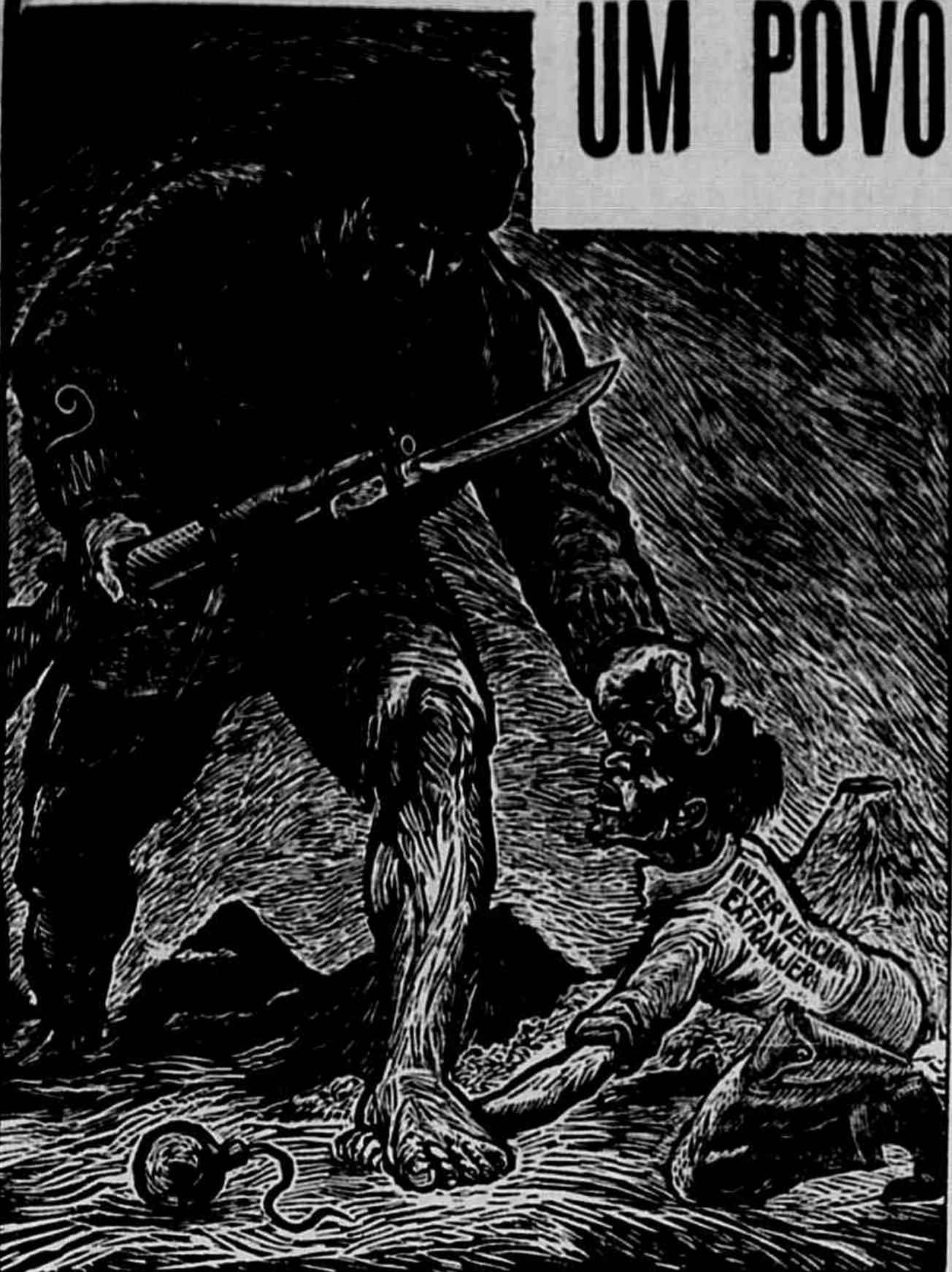
A REDAÇÃO

VOZ OPERÁRIA

Diretor Responsável
JOÃO BATISTA DE LIMA E SILVA
MATRIZ
Av. Rio Branco, 257, 17.
and. sala 1712
SUCURSAIS
São Paulo — Rua dos Estudantes, 84, s/ 29 — 2.º andar.
P. Alegre — Rua Voluntários da Pátria, 527, sala 48.
Recife — Rua da Palma, 295, s/ 205, Ed. Sael
Salvador — Rua João de Deus, 1, s/1.
Fortaleza — Rua B. do Rio Branco, 1248, s/22.

Endereço telegráfico da Matriz e das Sucursais:
VOZPERIA
ASSINATURAS
Anual Cr\$ 60,00
Semestral 30,00
Trimestral 15,00
N. avulso 1,00
N. atrasado 1,50
Este semanário é reimpresso em S. PAULO, PORTO ALEGRE, SALVADOR, RECIFE, FORTALEZA E BELEM.

UM POVO PROCURA A FELICIDADE



Como o regime democrático da Guatemala promove o progresso e enfrenta as ameaças ianques —

DESDE 1944, a vida do povo da Guatemala entrou em novo período. Então, veio por terra a ditadura de Ubico, longa de 17 anos. Um regime democrático foi instaurado. A situação era a pior possível: as terras do país estavam quase todas em mãos do poderoso truste americano United Fruit Co. e de sua subsidiária, a Companhia Agrícola Guatemalteca. A United Fruit Co. mantém além disso, o controle sobre outro monopólio ianque, a Internacional Railways of Central America (IRCA) que possui a única estrada de ferro existente no país. As exportações são todas feitas pelos portos que estão em mãos dos potentados americanos que saqueiam o país, e que têm como apoio a minoria de grandes proprietários de terras e os comerciantes antes ligados às companhias estrangeiras.

Embora de maneira tímida, algumas medidas democráticas foram tomadas, sob o impulso das massas operárias e camponesas. Uma reforma agrária, decretada em julho de 1952, atingiu as terras não cultivadas do truste americano e dos latifundiários, deixando-lhes, todavia, as áreas plantadas e em exploração. Além disso, foram pagas indenizações, de acordo com os registros de valor feitos pelos próprios concessionários das terras.

O governo Arbenz iniciou, além disso, uma série de obras de interesse nacional, como sejam a construção de uma estrada de rodagem para o Atlântico, a construção de um porto nacional e de uma

central hidrelétrica, quebrando o monopólio dos meios de transportes em poder da United Fruit. Nas aldeias começou o fornecimento de água potável e, até agora, dezenas delas foram beneficiadas com essas medidas.

Os camponeses entraram na posse da terra, e a Lei de Reforma Agrária decretou a abolição de todas as formas de escravidão e servidão.

Todas essas medidas provocaram o furor dos acionistas da United Fruit e a intervenção aberta do Departamento de Estado, que age por todos os meios para alcançar a deposição do governo democrático da Guatemala e sua substituição por homens da categoria de Carreira, Cabrera e Ubico que dominaram o país respectivamente por 33, 22 e 17 anos, e em cujos governos a United Fruit Co. pôde estabelecer-se e tornar-se onipotente.

Em 1.º de abril de 1953, o governo da Guatemala dirigiu-se oficialmente à ONU denunciando as medidas intervencionistas que vinham sendo tomadas pelos Estados Unidos contra a soberania do país.

De então para cá os fatos só têm feito confirmar a conspiração intervencionista que culminou agora com a Conferência Internacional Americana, de Caracas, precedida de intensa propaganda antiguatemalteca e pela frustrada conspiração, denunciada em janeiro deste ano pelo presidente Arbenz.

O povo da Guatemala que procura construir sua felicidade e o progresso de sua pátria, une-se para defender o regime que instituiu contra o poder dos trustes e de seus lacaios internos. A Confederação Geral dos Trabalhadores da Guatemala, a Confederação dos Camponeses da Guatemala e os partidos políticos democráticos, entre os quais se destaca o Partido Guatemalteco do Trabalho, manifestam-se vigorosamente contra a intervenção que se trama em Washington. No mesmo sentido, manifestam-se as organizações democráticas do continente como a Confederação dos Trabalhadores da América Latina, a Central Operária Boliviana e a Confederação dos Trabalhadores do Brasil.

A firmeza dos trabalhadores da Guatemala e a solidariedade mundial que não lhes falta impediram, até agora, a concretização das manobras intervencionistas. O perigo porém cresceu imensamente e exige redobrados esforços por parte de todos os democratas para levar à derrota os planos colonizadores do Departamento de Estado norte-americano.

Atos públicos como os que estão sendo realizados no México, na Bolívia e outros países do continente são, agora, um imperativo imediato para a mobilização de nossos povos contra as medidas escravizadoras que estão em voga.

NO NORTE DO PARANÁ

Despejadas Nove Famílias e Assassinado um Camponês

O grileiro Mário Jardim que goza da proteção oficial ateou fogo nas casas dos camponeses — Uma criança morreu em consequência dos espancamentos

FIM de 1953 foi assinalado, no Norte do Paraná, por mais um tenebroso crime dos grileiros protegidos pelo governador Munhoz da Rocha e autoridades daquela região. O autor principal do crime foi o conhecido grileiro Mário Jardim Siqueira, elemento que, já ao tempo do governo de Moisés Lupion, tinha proteção oficial para seus assaltos. Comentam os camponeses que todas as terras griladas, entre as de do patrimônio hoje denominado Engenheiro Beltrão, foram divididas entre Jardim, Lupion e o chefe de polícia.

Desta vez o assalto atingiu famílias de camponeses e 60 pessoas da Fazenda Altitude, situada na estrada de Jaguaruna e Água Jacaná, distante 15 quilômetros da cidade de Marialva. Essa fazenda está sendo objeto de uma demanda pelo fato de ser propriedade de um alemão, que viajado para a Europa antes da guerra e não mais se voltou.

O ASSALTO

As 9 horas da noite, os camponeses foram surpreendidos pelo ataque. Mário Jardim Siqueira, acompanhado por outros pelos facinorosos Felipe Abiracheb, vulgo «Zebedeu», Anibal Goulart Rufino, vulgo «Rufinão», Chiquinho de tal, Abílio de Carvalho, Herculano de tal e Antônio Pernambuco, entraram nas casas a dentro empunhando armas de fogo e passaram a espancar indiscriminadamente homens, mulheres e crianças as quais foram atiradas pelos bandidos a metros de distância.

arrancadas dos braços das suas mães. Em seguida, depois de despejar os pobres camponeses sob brutais espancamentos, Mário Jardim ateou fogo nas suas nove casas, antes saqueadas, mandando matar a criação e soltar os animais de montaria.

Depois, amontoaram as vítimas num caminhão e as deixaram à porta do cemitério de Maringá onde permaneceram dois dias ficando quatro jagunços armados de carabina ameaçando-os para que não saíssem.

Entre as vítimas do despejo estão Severino Martins Sanches, Ernestino da Cunha Barbosa, Antonio Francisco de Assis, Lindolfo Cardoso da Silva, Benedito Francisco Pereira, Silvestre Luiz de Andrade e Josino da Cunha Barbosa.

TRUCIDADO O CAMPONÊS

Mas Josino da Cunha Barbosa havia desaparecido. Seis dias depois do assalto foi

encontrado num capinzal, com o corpo todo chamuscado a fogo, quando já era comido pelos urubus. A mulher do camponês e os filhos feridos pelos espancamentos foram conduzidos para a própria casa do assaltante e a mulher de Jardim queria a toda lei que ela embarcasse para a Bahia onde reside sua família. A infeliz mulher não sabia ainda do trágico fim de seu marido. Dias depois seu filhinho mais novo, não resistindo aos ferimentos recebidos, veio a falecer.

Nesse Interim, o prefeito de Maringá, sr. Inocente Vilanova Jr., sabendo da presença no cemitério das famílias despejadas, deu-lhes abrigo e alimentação, no que foi ajudado por populares que acorreram em solidariedade às vítimas.

A estrada que leva à fazenda ficou guardada vários dias pelos bandidos até o dia 24, espancando todos os que por ali passavam.

Os criminosos continuam impunes. Assim o permite o regime de latifundiários e grandes capitalistas que tem à frente homens como Vargas e Munhoz da Rocha, inimigos jurados da democracia e do povo, opressores da classe operária e dos camponeses. O banditismo oficializado por autoridades serviais dos latifundiários e sustentáculos do regime atual, constitui uma ameaça às populações do Norte do Paraná, particularmente os camponeses pobres.

Entre as vítimas da brutalidade conta-se o sr. Manoel dos Santos.

IMPUNES OS CRIMINOSOS

O delegado Waldomiro Pereira de Souza, de Marialva não tomou conhecimento do fato, o que confirma as suspeitas de que está mancomunado com o grileiro. Comenta-se por aqui que o promotor João Paulino e o juiz Zeferino Krukoski concorrem para a impunidade dos criminosos. Sabe-se que o facinoroso Jardim movia uma ação de despejo contra Ernestino da Cunha Barbosa e outros e que o promotor João Paulino era advogado desse grileiro. Comenta-se também que para abafar o caso, juiz e promotor referidos receberam do grileiro vultosas quantias, o mesmo se dando em relação ao jagunço Rufino e seus companheiros.



Com a reforma agrária na Guatemala, a Resolução Democrática de 1944 que destronou os despojos traidores da nação, foram executadas realizações sociais, econômicas e culturais que tendem a transformar o país em uma nação próspera e independente. Desde então, o sorriso franco do camponês começou a surgir.

Prosperam na Nova China As Indústrias Privadas

LIU ONG-SHENG, capitalista chinês, relata suas experiências de industrial sob o regime de democracia popular na Nova China

PRECISAMENTE três dias antes da libertação de Changai, fui forçado pelo Kuomintang a deixar a cidade, sendo conduzido para Cantão num aparelho militar. A fim de escapar a uma eventual viagem para Taiwan (Formosa), imediatamente deixei Cantão, rumando para Hongkong. De lá regresssei a Changai em abril de 1949.

Foi com hesitação e incerteza que decidi voltar. Hesitava por pensar que os comunistas não seriam capazes de resolver os problemas básicos do arroz e do combustível, para não falar de todos os intrincados problemas econômicos da China. Sentia insegurança porque não sabia o que os comunistas poderiam me fazer. Contudo, estava certo de uma coisa: enquanto Chiang Kai-Chek esteve de qualquer forma ligado à direção do país, a China não tinha futuro.

Sob o Kuomintang campeavam as negociatas

Durante muitos anos tive de cooperar com o Kuomintang de forma a sobreviver como homem de negócios. A fim de proteger minhas empresas contra a intervenção acertei negociar com H. H. Kung e T. V. Sung. Quando meus interesses se chocavam com os deles, tinha que ceder. Quando os interesses deles entravam em conflito com interesses estrangeiros, eram eles que capitulavam.

Os poucos anos em que trabalhei no Escritório Chinês de Auxílio e Reabilitação foram uma grande lição para mim. No fim da última guerra, o governo dos Estados Unidos despejou na China enormes quantidades de excedentes de guerra. Seu móvel era evitar que essas mercadorias inundassem e asfixiassem seu próprio mercado interno, enquanto utilizavam sua pretensa «generosidade» para exigir privilégios — tais como o aquartelamento de tropas em nosso território, a utilização de nossos aeródromos, o estabelecimento de direitos especiais de navegação e comércio. O Kuomintang estava disposto a vender o país desde que as Quatro Famílias permanecessem no poder e continuassem amontoando fortunas. As negociatas e a corrupção campeavam.

Uma decisão acertada

Diversas, inteiramente contrárias, eram as notícias que, por intermédio de amigos e parentes, inclusive meus próprios filhos, me chegavam continuamente às mãos e respeito das áreas libertadas e da política ali seguida. Continuei a receber tais notícias depois de vir para Hongkong. Por isso acabei decidindo depositar nos comunistas o que me restava de esperança no futuro. Se alguma vez na vida tomei uma decisão secreta, certamente foi esta.

O ano de 1950 foi um ano duro para mim, embora em geral as coisas estivessem melhorando. Continuava tendo dificuldades em conseguir carvão para minha fábrica de Cimento Portland em Changai, com cerca de 1.100 trabalhadores, bem como de vender o cimento produzido. Minha fábrica de tecidos, a Companhia Chinesa de Tecidos de Algodão, com 1.200 trabalhadores consumia rapidamente seu velho estoque de algodão importado — mas os tecidos de algodão e os desperdícios dificilmente encontravam compradores. Em virtude da superpopulação havida antes da libertação, a Companhia de Fósfo-

ros Chinesa, de minha propriedade e que operava com 2.794 trabalhadores, tivera que



diminuir sua produção pela metade. Meu ancoradouro de Chung Hwa estava literalmente parado devido ao bloqueio. Os bombardeios do Kuomintang tornavam a situação ainda pior.

Em 1951, no entanto, a situação melhorou grandemente. Diversas medidas governamentais, que a princípio pareceram um tanto duras, começavam a produzir bons resultados. O controle das finanças pelo governo unificado levou à estabilização dos preços. A reforma agrária incrementou a produção agrícola e o poder de compra dos fazendeiros. A supressão dos espões e agentes reacionários criou a ordem social e a segurança. A restauração das velhas linhas de comunicação e a construção de novas estradas facilitaram de muito a circulação das mercadorias e das matérias primas. O incentivo ao intercâmbio de mercadorias entre as cidades e as zonas rurais expandiram o mercado interno.

O governo e as empresas estatais auxiliaram as indústrias particulares a vender suas dificuldades por meio de contratos de compra a longo prazo, encomendas e empréstimos bancários. O poderoso movimento contra a especulação, a evasão fiscal, o roubo à propriedade estatal, a fraude no trabalho e no fornecimento de materiais, contra o furto de informações econômicas nacionais com objetivos de lucro privado tudo isso

criou um clima sadio para a expansão das empresas particulares. As vitórias de nossos voluntários na Coréia injetaram novas energias e espírito patriótico na população.

Revivem minhas empresas

Minha fábrica de cimento tinha fechado suas portas ao findar a época do Kuomintang, quando os excedentes de cimento americano inundaram o mercado de Changai. No entanto, de 1950 a 1952 a produção aumentou em quase 180%, quebrando nosso anterior recorde de produção, estabelecido em 1935. Novo recorde foi estabelecido em 1953. Isto apesar de a maquinaria da fábrica ter mais de 30 anos e de a localização da fá-

brica não ser tão boa quanto a de algumas outras. As grandes construções atualmente empreendidas criaram uma urgente e premente procura de cimento que o governo compra através de contratos a longo prazo, dando-nos uma razoável margem de lucro.

No verão de 1953 minha fábrica de tecidos vendeu todos os seus estoques, inclusive alguns de antes da libertação. Para atender à procura do mercado e às grandes encomendas governamentais, todas as máquinas trabalham a pleno rendimento. Em nenhuma outra época tivemos possibilidade de produzir e vender tanto. Mesmo minhas fábricas de fósforos, duramente atingidas, começam a refazer-se e a equilibrar seus balancetes.

Nenhuma destas mudanças teria sido possível sem os esforços infatigáveis e a inventiva dos trabalhadores. As relações entre o capital e o trabalho já não constituem o problema que eram antes porque os fatos nos provaram que somente quando os trabalhadores assumem a direção e vêem respeitadas

Em 1953, o povo chinês, tendo à frente a classe operária, começou a transformar a China de país agrário em país industrial. Esta aspiração secular tornou-se objetivo imediato. O esforço de toda a nação corresponde aos interesses de todas as classes que participam da nova democracia.

Nós, capitalistas privados, temos nossa parcela de responsabilidade nas grandiosas tarefas a realizar. Desde que nos dediquemos a atividades produtivas e comerciais benéficas para nosso país e nosso povo, a nós, capitalistas privados, está reservado importante papel na China de hoje.



Lin Ang-Cheng

suas opiniões, pode a produção ser melhorada e aumentada.

Reservado aos capitalistas um grande papel

O florescimento de minhas empresas é evidenciado pelo que se pode constatar em outras empresas particulares. As indústrias de esmalte, encanamentos, sabão, borracha, vestuário, algodão e tintas trabalham todas a plena capacidade e algumas delas superaram todos os velhos recordes. Mesmo assim ainda têm dificuldades em atender à procura crescente.

1953 foi apenas o início de nosso Plano Quinquenal. As crescentes inversões governamentais, particularmente nas indústrias pesadas, criaram uma crescente procura de produtos de indústria leve, que é predominantemente de capital privado.

Ao darmos nosso testemunho a respeito dos grandes progressos feitos pela Nova China desde a libertação, não podemos deixar de admirar a firmeza e segurança com que o Governo Popular vem executando sua política de nova democracia. É verdade que alguns homens de negócios, e eu estou nesse caso, passaram por alguns momentos duros depois da libertação. Não os escondamos. Mas não podemos deixar de lembrar, também, que nossas dificuldades tinham suas raízes no descalabro provocado pelo Kuomintang antes da libertação, quando todas as indústrias dependiam da importação de matérias-primas enquanto os produtos chineses eram vendidos por preços ridiculamente baixos nos mercados estrangeiros. A importação de produtos acabados liquidou muitas de nossas indústrias nacionais. Tínhamos caído na dependência das importações estrangeiras inclusive de produtos alimentícios essenciais e de petróleo. O país praticamente não dispunha de indústria pesada. Nós, os homens de negócio, não tínhamos consciência política e andávamos atarefados tratando de conseguir lucros, pouco nos importando da sorte do país e do povo.

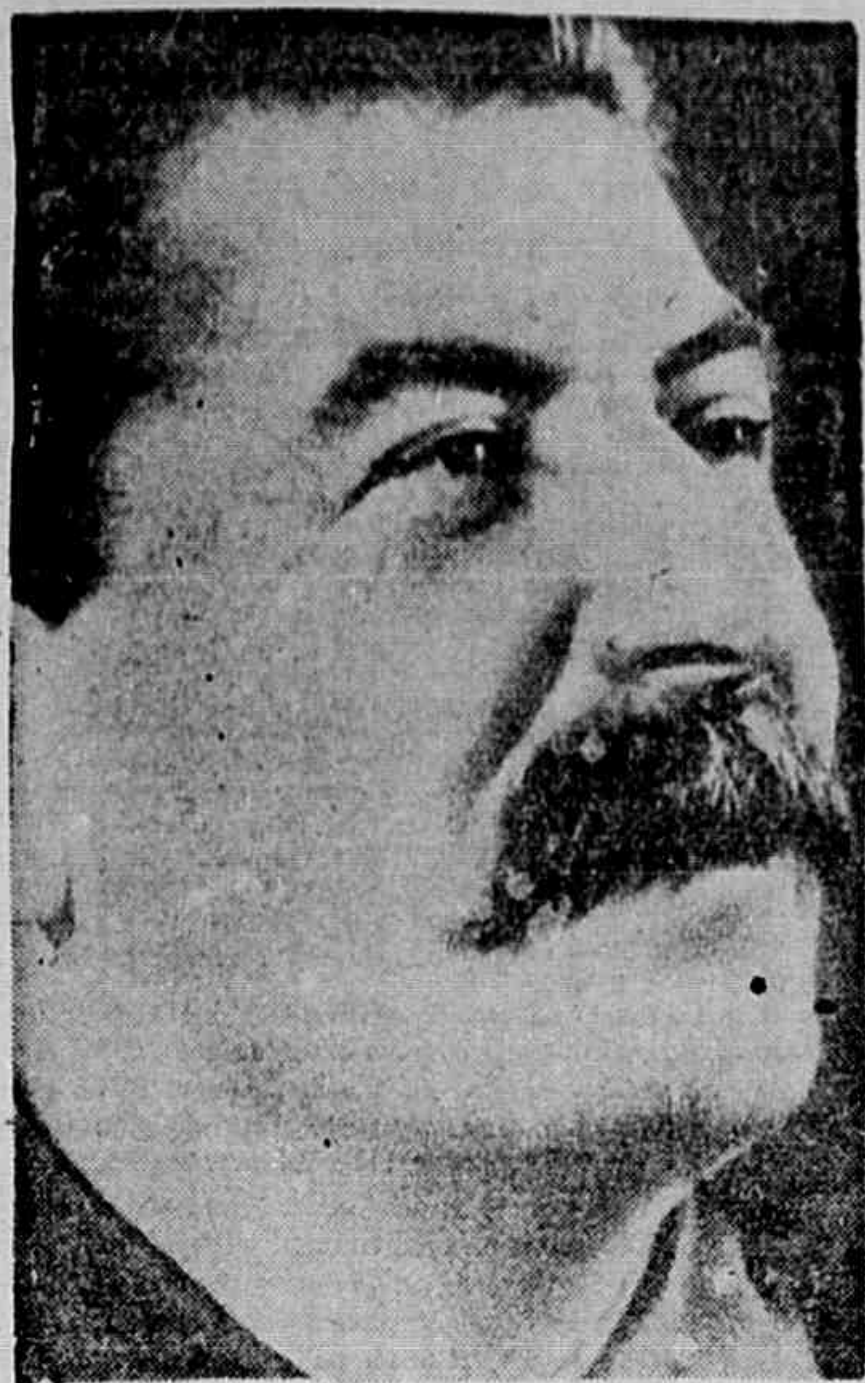
O reajustamento e a adaptação aos padrões da nova democracia inevitavelmente trouxeram algumas dificuldades temporárias. Mas nossas realizações nos últimos quatro anos demonstraram que temos agora uma base muito mais sólida para nos expandirmos e prosperar. Até mesmo os mais ferozes inimigos da China não podem negar o espantoso avanço realizado.

Eram exatas e verdadeiras as palavras do presidente Mao Tse Tung pronunciadas imediatamente após a libertação: «Temos dificuldades, esperanças e soluções». Naquele momento, ele avaliou em três anos, ou pouco mais, o tempo que precisaríamos para restaurar a economia. Isto foi feito em menos de três anos.

Em 1953, o povo chinês, tendo à frente a classe operária, começou a transformar a China de país agrário em país industrial. Esta aspiração secular tornou-se objetivo imediato. O esforço de toda a nação corresponde aos interesses de todas as classes que participam da nova democracia.

Nós, capitalistas privados, temos nossa parcela de responsabilidade nas grandiosas tarefas a realizar. Desde que nos dediquemos a atividades produtivas e comerciais benéficas para nosso país e nosso povo, a nós, capitalistas privados, está reservado importante papel na China de hoje.

I Aniversário da Morte de J. V. Stálin



Transcorre no dia 5 de março vindouro o primeiro aniversário da morte de Josef Stálin, o genial discípulo e companheiro de armas do Grande Lénin, chefe inesquecível do proletariado mundial e guia de toda a humanidade progressista.

A lembrança de Stálin vive imorredouramente no pensamento e no coração dos trabalhadores e de todas as soas amantes da paz.

Nessa data, milhões de homens e mulheres no mundo inteiro honrarão a memória do grande Stálin, prestando-lhe comovidas homenagens.

Nesse dia, o proletariado e o povo brasileiros honrarão também, com imenso amor e ilimitada gratidão, a memória do seu inolvidável guia e amigo — J. V. Stálin.

OS GENÍOS ENSEINAMENTOS DE STALIN GUIAM AS LUTAS DE NOSSO POVO

**INSPIRADO NOS LUMINOSOS ENSEINAMENTOS DO GRANDE STALIN,
O POVO BRASILEIRO...**

...**REFORÇARÁ** a luta pela paz e contra os incendiários de guerra, exigindo o alívio da tensão internacional, a conclusão do tratado de paz com a Alemanha, a admissão da China na ONU, a proibição das armas atômicas e a redução dos armamentos. O povo brasileiro repudia a política de preparação guerrilha de Vargas e exige uma política de paz e de colaboração entre todos os povos.

...**INTENSIFICARÁ** a luta pela independência nacional, fortalecendo cada vez mais a unidade de todas as forças que não se submetem à dominação e ao saque de nosso país pelos imperialistas norte-americanos e à política de traição nacional de Vargas

...**AMPLIARÁ** incessantemente a luta em defesa das liberdades democráticas, contra a ameaça de fascização do país. O povo brasileiro, tomando em suas mãos a bandeira das liberdades, impedirá e derrotará a trama sinistra da embaixada americana, do governo de Vargas e da camarilha militar-fascista visando a implantar no Brasil uma ditadura terrorista

...**IMPULSIONARÁ** a luta pela unificação de todas as forças patrióticas, democráticas e progressistas do país na ampla frente democrática de libertação nacional, substituindo o governo opressor e estomecedor de Vargas pelo governo do povo, o governo democrático de libertação nacional.

Guiando-se pelos geniais ensinamentos do grande Stálin, o povo brasileiro lutará com um entusiasmo, uma energia e uma fé cada vez maiores até tornar vitorioso o programa do P.C.B. — Programa de salvação nacional.



Como Homenagear a Memória de Stálin

- ★ Realizando palestras nos locais de trabalho ou residência, através do rádio ou de alto-falantes, em que se deve destacar os aspectos mais importantes da vida e da obra de Stálin, particularmente a sua extraordinária contribuição à luta dos povos coloniais e dependentes.
- ★ Publicando, na íntegra ou em resumo, a biografia de Stálin.
- ★ Promovendo solenes reuniões necrológicas,

nas quais devem ser abordados temas relacionados com a atividade revolucionária e a obra de Stálin.

- ★ Ampliando a difusão dos volumes já editados das «Obras» de J. V. Stálin, que devem ser levadas aos operários e a todos os brasileiros honestos, que amam a paz, a liberdade e a independência da pátria.
- ★ Difundindo volantes ilustrados, cartões postais e folhetos que contenham

episódios da vida de Stálin, trechos de suas obras, etc.

- ★ Programando «comandos» para a venda especial dos órgãos da imprensa popular.
- ★ Organizando o estudo da biografia de Stálin e de suas geniais contribuições ao marxismo-leninismo, especialmente as «Obras», a «História do P.C. (b) da U.R.S.S.» e os trabalhos sobre a revolução nos países coloniais e dependentes.

Getúlio Está Brincando Com a Fome do Povo

Aumenta sem cessar a carestia de vida — Milhões de sacos de cereais apodrecem no Norte do Paraná — Cafézais adubados com feijão para aumentar a produtividade e vender mais barato... para os americanos — E o próprio governo confessa que, em S. Paulo, os operários só dispõem de 350,00 por mês para as despesas de alimentação

Em 1953, 28 artigos indispensáveis tiveram seus preços aumentados em 32% — diz uma úmida e pálida estatística da carestia, esta característica do governo de Getúlio. Em janeiro e fevereiro de 1954, menos de dois meses, houve dezesseis aumentos de preços, mostra uma resenha das atividades da COFAP. Mas a COFAP ainda tem muito que fazer em fevereiro, precisa ganhar tempo, pois estamos no mês mais curto do ano... E enquanto Getúlio troca os domésticos de seu ministério, sua COFAP trata dos aumentos dos preços das passagens de ônibus e lotações e de um novo e monstruoso aumento no preço do açúcar que irá a 7,10 o quilo. Entretanto, as coisas não ficam nisso, pois ao passo que se desenvolvem as manobras e provocações contra o aumento do salário-mínimo, Getúlio dá tempo aos tubarões. Eles anunciam que os preços estão sendo ajustados, isto é, estão sendo elevados desenfreadamente.

Os preços voam, a carestia aumenta sem cessar.

Cr\$ 350,00 por mês para comer

Como esta situação se reflete nas condições de vida da classe operária? Vejamos a resposta nos dados colhidos pela Comissão Nacional de Bem-Estar Social, ajudada por diversos órgãos da administração e organizações patronais.

fez uma pesquisa entre os operários têxteis e metalúrgicos de São Paulo. De acordo com os dados que deu a público, essa comissão oficial chegou à conclusão que cada membro das famílias operárias recensadas dispõe de uma importância que gira em torno dos Cr\$ 350,00 por mês para as despesas de alimentação. As conclusões divulgadas podem ser agrupadas da forma seguinte:

ção e organizações patronais fez uma pesquisa entre os operários têxteis e metalúrgicos de São Paulo. De acordo com os dados que deu a público, essa comissão oficial chegou à conclusão que cada membro das famílias operárias recensadas dispõe de uma importância que gira em torno dos Cr\$ 350,00 por mês para as despesas de alimentação. As conclusões divulgadas podem ser agrupadas da forma seguinte:

Verifica-se que quando aumenta o número de membros da família, cada um tem que comer menos. Essa é uma autêntica estatística da fome. E não retrata apenas a situação em São Paulo.

Despesas com alimentação por pessoa

Famílias de três pessoas	397,70
Famílias de quatro pessoas	369,80
Famílias de cinco pessoas	346,20
Famílias de seis pessoas	350,80

Verifica-se que quando aumenta o número de membros da família, cada um tem que comer menos. Essa é uma autêntica estatística da fome. E não retrata apenas a situação em São Paulo.

Quando se fala em «baixar» o preço da carne...

Os aumentos de preços são aprovados num abrir e fechar de olhos. Mas basta que se fale, apenas que se fale em baixar um preço para que a coisa comece a andar a passos de caranguejo. Por mais espantoso que pareça, a redução do preço da carne —

caso único — está incluída na ordem do dia da COFAP.

Por que «baixar» o preço da carne? Porque há abundância na atual safra. Existe «boa vontade»? Sim, existe, tanto assim que as diversas sub-comissões incumbidas de estudar o assunto já deram parecer favorável. Então por que é que a «baixa» do preço da carne não vai ainda? E que na hora de votar sempre aparece um honrado conselheiro que pede vistas do processo, propõe a prorrogação dos prazos para a feitura de novo relatório e assim a decisão vai sendo adiada indefinidamente. Pelo menos até que passe a atual safra e já não se tenha mais em abundância...

Dessa forma, a rebuxa dos preços da carne vai ficando para as calendárias gregas. Com esses expedientes vai se dando tempo a que os grandes fazendeiros façam a venda — verdadeira ou fictícia — dos seus rebanhos, vai se dando tempo para que os frigoríficos imperialistas escoem sua repudiada carne congelada aos preços extorsivos em vigor.

Os americanos mandam

Tomemos um outro exemplo que ajuda a levantar o véu do «mistério» da carestia, o exemplo da banha. A 19 de janeiro, a CCFAP elevou o preço da banha para Cr\$ 27,00 o quilo. Mas já em fevereiro, a mesma COFAP anuncia a sua resolução de importar oito mil toneladas de banha para assegurar o torneamento do produto à população, inclusive o Rio Grande do Sul, grande produtor, e para «impedir» a alta.

O que esconde essa aparente contradição nas atitudes da COFAP?

Observa-se em primeiro lugar que essas notícias de importação de banha do estrangeiro, com vistas à «redução dos preços» são disseminadas todos os anos, sistematicamente, na mesma época. Assim foi na época do sr. Cabello. Assim está acontecendo sob a batuta do coronel. Todo mundo sabe que, nos setores consumidores, os preços da banha não baixam coisa nenhuma. Co-



A TRISTEZA DA FOME MARÇA A FACE DAS CRIANÇAS. Há desespero e ódio no olhar da mãe. Esta é uma cena tomada numa feira do Rio de Janeiro. É uma cena que se pode encontrar em qualquer ponto do país. O sofrimento do povo chega ao extremo limite.

meça que a banha importada é entregue a meia dúzia de felizardos ligados a COFAP, como foi feito com a cebola e outros produtos, para revenda aos preços escorchantes das tabelas. Mas, ao contrário do que ocorre na cidade, essas notícias influem no interior nos centros produtores. Elas determinam uma redução no preço do porco, prejudicam seriamente os pequenos e médios criadores que dependem dos frigoríficos americanos, únicos compradores.

Nessas condições, os criadores não têm interesse em engordar dos porcos. Vendemos o mais rápido que podemos aos frigoríficos que fa-

bricam presuntos e outros artigos que são vendidos a Cr\$ 100 e Cr\$ 150 o quilo. No ano passado, só no município do Rio Grande do Sul, em Lajeado, a campanha baixista da COFAP (baixista contra o produtor, não para o consumidor) deu como resultado o abate de 300.000 animais magros, o que prejudicou a produção de banha em cerca de dez mil toneladas. Pouco tempo depois, a banha estava a 50 cruzeiros o quilo.

Dessa forma os produtores foram arrastados à ruína. E os frigoríficos e tubarões ganharam rios de dinheiro. A COFAP foi o seu instrumento mais eficiente.

Feijão... para adubar café

No norte do Paraná, um dos celeiros deste país, a safra de cereais deste ano foi enorme, sendo calculada em mais de 20 milhões de sacas. Sob um regime devotado à causa do povo, isto seria uma grande e boa notícia. Grande colheita, fartura, preços compensadores para o produtor e preços razoáveis para o consumidor. Mas sob o governo de Getúlio, um fato auspicioso se transforma rapidamente em calamidade.

Os transportes rodoviários estão quase completamente monopolizados pela American Coffee. O transporte ferroviário, no estado em que se encontra, levaria vários anos para dar escoamento à produção obtida. Todos os cuidados do governo são para as estradas de minérios. Resultado: os cereais apodrecem dando um prejuízo total aos plantadores e a carestia aumenta sem cessar nas cidades. Só em Londrina estão apodrecendo dois milhões de sacas de arroz, produto que está em pauta para elevação de preço.

O vereador Dilo Oliveira Godoy, de Curitiba, declarou que o arroz não encontra comprador, está sem preço, por falta de transportes. E fez a impressionante revelação: um proprietário decidiu utilizar dez mil sacas de feijão para adubar suas plantações de café, pois não há outra coisa a fazer com este alimento indispensável na mesa do povo. Enquanto isso acontece o feijão é vendido até a Cr\$ 14,00 o quilo.

Assim, adubado com o alimento do povo, o café renderá mais. Para que? Para satisfazer as exigências baixistas americanas, enquanto os preços do café no Brasil já chegaram a 60 cruzeiros em São Paulo.

Diante de tudo isso, os senhores do governo e os grandes capitalistas têm a audácia de afirmar que o aumento do salário-mínimo é o responsável pela carestia.

Estão brincando com a fome do povo. As massas populares, guiadas pelo exemplo de combate do proletariado, não podem suportar essa situação por mais tempo e lutam contra a carestia. Nessa luta, chegarão inevitavelmente à compreensão de que para suprimir a carestia é indispensável mudar esse regime, um regime que só pode produzir governos de fome como o de Getúlio.



CONTRA OS FATOS NÃO HÁ ARGUMENTOS. A produção aumenta na União Soviética. Há fartura e felicidade para todo o povo. A produção está estancada nos países capitalistas, onde reina o desespero para as massas. Em nossa pátria, espolhada pelos americanos através de um governo de traição nacional, aumenta a produção de minérios que são exportados para os Estados Unidos, enquanto a produção de gêneros alimentícios apodrece por falta de transporte. A causa da carestia está nesse regime de grandes capitalistas e latifundiários que vendem a pátria aos ianques, enriquecem com a miséria e a fome de milhões de brasileiros.